

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JANAÍNA CAMPOS DE FREITAS BREUGELMANS

**Guardiões da memória, herdeiros da luta: identidade e memória nas
publicações dos websites do grupo Hijos por la Identidad y la Justicia
contra el Olvido y el Silencio**

Belo Horizonte
2016

JANAÍNA CAMPOS DE FREITAS BREUGELMANS

Guardiões da memória, herdeiros da luta: identidade e memória nas publicações dos websites do grupo Hijos por la Identidad y la Justicia contra el Olvido y el Silencio

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Ingrid Faria Gianordoli-Nascimento.

Área de Concentração: Psicologia Social

Linha de Pesquisa: Cultura, Modernidade e Processos de Subjetivação.

Belo Horizonte
2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

Herdeiros da memória, guardiões da luta: memória e identidade nas publicações dos websites do grupo Hijos por la Identidad y la Justicia contra el Olvido y el Silencio

JANAÍNA CAMPOS DE FREITAS BREUGELMANS

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA, como requisito para obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, área de concentração PSICOLOGIA SOCIAL, linha de pesquisa Cultura, Modernidade e Processos de Subjetivação.

Aprovada em 29 de julho de 2016, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Ingrid Faria Gianordoli Nascimento - Orientador
Universidade Federal de Minas Gerais


Prof(a). Denis Giovanni Monteiro Naiff
UFRRJ


Prof(a). Claudia Andrea Mayorga Borges
ufmg

Belo Horizonte, 29 de julho de 2016.

150
B846g
2016

Breugelmans, Janaína Campos de Freitas

Guardiões da memória, herdeiros da luta [manuscrito] :
identidade e memória nas publicações dos websites do grupo
Hijos por la Identidad y la Justicia contra el Olvido y el
Silencio / Janaína Campos de Freitas Breugelmans. - 2016.

84 f.

Orientadora: Ingrid Faria Gianordoli-Nascimento.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Ditadura e ditadores – Teses. 3.
Ciberespaço - Teses. 4. Identidade social - Teses. I.
Gianordoli-Nascimento, Ingrid Faria. II. Universidade
Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas. III. Título.

Dedico este trabalho à todos os familiares de mortos e desaparecidos por razões políticas na América Latina, que através da sua luta não nos deixam esquecer que é preciso combater as dinâmicas autoritárias, segregadoras e violentas do passado que ainda se fazem presentes no nosso cotidiano.

AGRADECIMENTOS

São inúmeros os protagonistas no tecer de uma dissertação. Ainda que solitário, o processo de escrita acadêmica só é possível devido ao amparo e encorajamento de pessoas que nos são especiais. Por essa razão gostaria de dedicar algumas palavras de gratidão àqueles que estiveram presentes no transcorrer da trama desse texto, contribuindo para que tudo isso fosse possível.

À minha família tão querida por todo incentivo, respeito e carinho. À mamãe e papai por sempre me apoiarem, fornecendo o suporte e a ternura necessários para que eu pudesse permanecer no caminho que escolhi.

Ao Rick, que com amor, compreensão e muitas xícaras de café afetuosas tornou esta jornada mais leve. *Ik hou van jou mijn schatje.*

À minha orientadora, Ingrid Faria Gianordoli-Nascimento, por ter aberto as portas para o meu percurso acadêmico, sempre com muita confiança e estímulo.

À Flaviane Oliveira e Jaíza Cruz, pelo apoio e amizade, além da dedicação, competência e atenção nas revisões e sugestões, fatores fundamentais para a conclusão dessa pesquisa.

À Universidade Federal de Minas Gerais, à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, local ao qual devo grande parte da minha bagagem pessoal, cultural e profissional.

Ao Programa de Pós-graduação em Psicologia pela oportunidade de desenvolver minha carreira de pesquisadora e aprimorar os meus conhecimentos em Psicologia.

À banca examinadora um agradecimento especial. À Profa. Claudia Andréa Mayorga Borges por se fazer presente, de maneira muito generosa, em minha formação enquanto pesquisadora e psicóloga social. Ao Prof. Denis Giovani Monteiro Naiff por sua leitura atenta e reflexões indispensáveis.

Ao professor Luis González por compartilhar comigo a sua história e me ensinar que as veias da América Latina permanecem abertas, porque *hay un pasado que no se puede olvidar.*

Aos companheiros do Núcleo de pesquisa em Memórias, Representações e Práticas Sociais pela troca de experiências e companhia nestes últimos anos. Um agradecimento em

especial àqueles que colaboraram mais de perto com esta investigação: Thayna Santos, Thaís Ogando, Rafaela Marinho e Clara Machado.

Aos colegas de percurso no mestrado, por partilharem referências, poesias e motivações para prosseguir. Em especial, à Luciana, Bernardo, Adriana, Alice, Carla, Cris Lage, Cristina, Onair, Suely, Geraldo e Santhiago.

À todos os professores do mestrado com os quais pude apreender sempre um pouco mais. Um agradecimento em especial ao Prof. Adriano Roberto Afonso do Nascimento pelos ensinamentos, e por nos instigar a refletir e melhorar sempre. À Profa. Maria de Fátima de Souza Santos, pelas preciosas reflexões sobre o tema da pesquisa.

À Flávia e Fabricio por estarem sempre dispostos à esclarecer todas as burocracias intrínsecas à pós-graduação.

Aos meus amigos por compreenderem que ainda que “o presente seja tão grande”, permaneceram “de mãos dadas” comigo. Meu apreço à Rafaela, Lorena, Vilela, Cecília, Samira, Rafael, Sávio, Éternas, amigos de BH e Divinópolis. Meu carinho a todos vocês.

Gratidão à todos que de alguma forma contribuíram para esta pesquisa pudesse ser desenvolvida.

*A veces quisiera desaparecer del mapa
Volver donde yo nací, pero no es tan papa
Me achaca, la duda no se saca está pegado como laca
El peso a lapa, Makiza es mi capa
A veces quisiera tener alas como pájaro
Volar por el tiempo, donde estuvo Lautaro
Y olvidar yo, por un tiempo
Que la mitad de mi familia está muy lejos
Hay días en que me quejo
Hay días en que estoy bien piola
Hay días en que me río hasta del Guatón Loyola
¡Ay! Comadre Lola, si usted supiera
Lo que es estar dividida, no saber cuál es tu tierra
Ana la Chola, en la volá como ratón sin cola
Mi mamá me hablaba a mí del CHI
Por allá bien lejos, donde yo nací
Donde yo crecí
Y no juego a la gringa si eso tu creí
Nunca niegues donde tú provengas
Tengas lo que tengas, vengas de donde vengas
Vengas de Dinamarca (o de Chiloé)
El mundo es una gran Arca de Noé
Y si yo he nacido afuera estoy orgullosa
Y si tengo sangre indígena, mejor, porque es hermosa
Soy una trotamundos, sin fijo rumbo me fundo
Al lugar donde yo tumbo ¡Así es mi mundo!
Soy del norte, del sur, del oeste, del este
Una viajera sin paradero, sin nombre, sin carné
Una Ulises sin Tierra Prometida
He creado mi propia Odisea moderna, nene
Sé hacer el camino al andar, caminante
Por eso no tengo bandera representante
Da lo mismo mi nombre, lo importante es lo que hago
Valorar al hombre por la calidad de su trabajo
Y es que el mundo es tan grande y uno tan pequeño
Solo me dirijo por la Rosas de los Vientos.*

(Je viens d'autres latitudes)

*Somos hijos de La Rosas de los Vientos.
De la rosa de los vientos
Somos hijos de La Rosas de los Vientos.
Somos hijos de La Rosas de los Vientos.*

*De niño ha seguido el camino de la calle
Tan difícil que me pare como que me calle
Donde me halle nunca olvido mis raíces
Los países donde he vivido han unido sus matices
Para que me caracterice con mi personalidad
Ser una persona de calidad, la calidez de la verdad
Me ampara, me prepara para levantar mis alas
Me protege como un chaleco anti-balas
Cala mi alma al mundo en que vivo, pido
Un minuto para recopilar lo que he vivido
Las ciudades en las que he residido
Las personas con las cuales he compartido
He sido yo el que he partido, recorrido
Miles de kilómetros en todos los sentidos
Mido la importancia de mis vivencias
En mi existencia, encuentros, coincidencias
Cuando me preguntan cuál sector yo represento
Respondo que en verdad, yo no entiendo
El sentimiento de estar ligado a un barrio
Al contrario hay que salir de él para no ser marginado
Yo soy ciudadano del planeta Tierra
Ser humano que no cree en las fronteras
Tanto Squat, Cenzi y Anita vivieron fuera
Yo igual, hermanos, no es porque yo quiera
Pero mi lugar es tanto aquí como donde sea
Cuatro puntos cardinales, cuatro cabezas
Veras que la nacionalidad no es la gran cosa
Si no más bien gira con los vientos como La Rosa*

*Somos hijos de La Rosas de los Vientos.
De la rosa de los vientos
Somos hijos de La Rosas de los Vientos.
De la rosa de los vientos
Somos hijos de La Rosas de los Vientos.
Somos hijos de La Rosas de los Vientos.*

(Je viens d'autres latitudes)

La rosa de los vientos - Makiza

RESUMO

Breugelmans, J. C. F. (2016). *Guardiões da memória, herdeiros da luta: identidade e memória nas publicações dos websites do grupo Hijos por la Identidad y la Justicia contra el Olvido y el Silencio*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.

A Internet possibilita novos contornos à capacidade de mobilização política, pois favorece a ampliação dos espaços para atuação na cena pública. Este seria o caso da rede internacional H.I.J.O.S – Por la Identidad y la Justicia Contra el Olvido y El Silencio, objeto de análise desse estudo. Organização de direitos humanos composta por filhos dos ex-militantes políticos das ditaduras militares latino-americanas, suas páginas web são terreno fértil para se analisarem, no âmbito psicossocial, as questões vinculadas à memória e identidade no ciberespaço. O trabalho é apresentado na forma de dois artigos complementares. No primeiro, são investigados os conteúdos veiculados nas plataformas virtuais H.I.J.O.S. de Argentina, Chile, Colômbia, Guatemala, México, Uruguai, Paraguai e Peru, buscando conhecer as memórias pessoais, comuns e históricas compartilhadas pelo grupo sobre as ditaduras e as violações de direitos humanos na América Latina. No segundo artigo, é apresentado o estudo sobre as dinâmicas identitárias específicas dos agrupamentos H.I.J.O.S. de Argentina e Paraguai, explorando as relações intergrupais que balizaram as construções de memória encontradas no trabalho anterior. Para ambas pesquisas, os dados foram coletados a partir de seções de publicações nas páginas web de cada grupo e as análises foram realizadas com o suporte do software ALCESTE PLUS. No primeiro estudo, a interpretação dos dados foi desenvolvida com base na abordagem psicossocial da memória, já no segundo foram utilizados elementos da Teoria da identidade social proposta por Henri Tajfel. Os resultados indicaram que as publicações encontradas nas plataformas virtuais geridas pelos H.I.J.O.S. configuram-se como fontes de compreensão dos processos psicossociais do grupo, visto que estes websites e os conteúdos neles postados caracterizam-se como espaços de construção e elaboração de memórias históricas latino-americanas do grupo, e um lócus de valorização e legitimidade do grupo.

Palavras-chave: Ditaduras; Ciberespaço; Memória social; Identidade social; ALCESTE

ABSTRACT

Breugelmans, J. C. F. (2016). *Guardians of the memories, heirs of the struggle: identity and memory in the publications of the websites of the HIJOS group (Hijos por la Identidad y la Justicia contra el Olvido y el Silencio)*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.

The Internet provides new contours to the political mobilization capacity because it favors the expansion of action in public spaces. This would be the case for the object of this study, the international network of H.I.J.O.S – Por la Identidad y la Justicia Contra el Olvido y El Silencio. H.I.J.O.S. is a human rights organization comprised of children of ex-political activists of the Latin American dictatorships, whose online web pages are fertile grounds for psychosocial analysis and study, with questions relating to historical memory and identity in cyberspace. The work is presented in two complementary articles; the first being an investigation into the related contents on the virtual platforms of H.I.J.O.S. Argentina, Chile, Colombia, Guatemala, Mexico, Uruguay, Paraguay and Peru, as well as seeking to get to know personal and common memories, shared histories about the dictatorships and the violations of human rights in Latin America. In the second article a study is presented about the identity dynamics, specifically of the groups H.I.J.O.S. Argentina and H.I.J.O.S. Paraguay, and exploring the intergroup relations which resulted in the construction of the historical memory that was found in a previous work. For both studies data was collected from the publications on the websites of each group and the analysis was performed with the support of ALCESTE PLUS software. In the first study an interpretation of the data was developed based on the psychosocial approach of the memory, while in the second one elements of the social identity theory of Henri Tajfel were used. The results indicated that the publications, found on the virtual platforms managed by H.I.J.O.S., configured like sources of understanding the psychosocial processes of the group. This is because these websites and their posted content feature similar digital web styles and discussions of the historical memories of the Latin Americans of the organization, plus they are the focal points for valorization and legitimacy.

Keywords: Dictatorships; Cyberspace; Social Memory; Social Identity; ALCESTE

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 (Artigo 1) - Dendrograma de Classificação Hierárquica Descendente (Dados totais da Rede Internacional Hijos	26
Figura 1 (Artigo 2) - Dendrograma de Classificação Hierárquica Descendente, HIJOS/Argentina	56
Figura 2 (Artigo 2) - Dendrograma de Classificação Hierárquica Descendente, HIJOS/Paraguai	58

LISTA DE SIGLAS

HIJOS	Hijos por la Identidad y la Justicia contra el Olvido y el Silencio
DSN	Doutrina de Segurança Nacional
CHD	Classificação Hierárquica Descendente
UCE	Unidade de Contexto Elementar
ESMA	Escola de Mecânica da Armada Argentina
ONU	Organização das Nações Unidas
PDF	Portable Document Format
USAID	United States Agency for International Development

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	13
2 ARTIGO I: “No olvidamos, no perdonamos, no nos reconciliamos”: construções de memória nas publicações do grupo Hijos por la Identidad y la Justicia contra el Olvido y el Silencio	16
Memória e Ciberespaço	21
Procedimentos Metodológicos	24
Resultados	25
Discussão	28
Considerações Finais	38
Referências	40
3 ARTIGO II: “Nosotros H.I.J.O.S.”: dinâmicas identitárias a partir de publicações no ciberespaço	46
Identidade e Ciberespaço	49
Procedimentos Metodológicos	54
Resultados	55
<i>Hijos/Argentina</i>	55
<i>Hijos/Paraguai</i>	58
Discussão	61
Reflexões Finais	72
Referências	73
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	82

1 APRESENTAÇÃO

O debate sobre a democracia na América Latina encontra-se ligado ao passado de luta de diferentes setores populares. Esses atores tiveram suas vidas marcadas pelas sevícias dos regimes ditatoriais durante a segunda metade do século XX, e suas trajetórias, aos poucos, têm ganhado visibilidade, promovendo o (re)conhecimento das novas gerações frente aos acontecimentos. A emergência da memória, nesse sentido, aparece como uma das preocupações políticas e culturais fundamentais das sociedades na atualidade.

As disputas pelas versões do passado foram ganhando espaço a partir dos processos de transição democrática nos países latino-americanos, quando as memórias dos grupos contrários aos regimes autoritários, até então, silenciadas pelo controle e violência estatal, passaram a demandar legitimidade no cenário público. Tais grupos, constituídos principalmente por aqueles diretamente atingidos, vêm afirmando sua identidade e reivindicando a revisão do passado, na busca do reconhecimento de seu protagonismo na história e de sua inclusão na memória oficial desses países.

É nessa conjuntura que a rede internacional H.I.J.O.S. – *Hijos por la Identidad y la Justicia contra el Olvido y el Silencio* –, foco desta investigação, adquiriu especial relevância, já que é composta pela denominada segunda geração de organizações de direitos humanos relacionados a temática das ditaduras na América Latina. Composta por filhos de exilados, desaparecidos, mortos e presos por motivações políticas durante os regimes autoritários, o agrupamento ganhou destaque pelo uso de diferentes estratégias em suas ações e reclames. Uma delas é a apropriação do ciberespaço como local de luta, de fortalecimento das relações sociais estabelecidas pelos grupos e mobilização por memória, verdade e justiça.

Os contornos para o objeto de pesquisa investigado foram se constituindo ao longo da minha trajetória enquanto aluna da graduação em psicologia na Universidade Federal de Minas Gerais.

O primeiro episódio que me fez atentar para esta temática ocorreu ao ouvir a música *La rosa de los vientos*, citada no prólogo desta dissertação. Sem compreender a extensão desse sentimento de ser *trotamundos*, referido na canção, pesquisei sobre quem eram os integrantes do grupo chileno Makiza. Tratava-se de um conjunto musical formado por filhos de exilados políticos da ditadura de Pinochet, que se reuniram ao regressarem ao Chile após a abertura política no país. As particularidades de suas vivências marcaram as composições do grupo, transformando em música as experiências de uma geração.

Outra história pessoal viria a se somar a esta, quando meu professor de espanhol contou-me ser filho e familiar de militantes da organização *Montoneros* no Uruguai, fato que muito me emocionou e envolveu, uma vez que começava a ter contato com as histórias de vida de pessoas que se opuseram a ditadura militar no Brasil e seus familiares, devido a minha inserção no núcleo de pesquisa “Memórias, Representações e Práticas Sociais” (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais).

Dessa maneira, este estudo é derivado de um conjunto mais amplo de pesquisas que investigam as dimensões sociais da memória e da identidade relacionadas aos períodos da ditadura militar no Brasil e na América Latina, desenvolvidas no âmbito do grupo de pesquisa acima mencionado. Seu objetivo foi conhecer a memória histórica de filhos de militantes políticos, visando compreender o papel de suas memórias na construção da identidade social desses sujeitos enquanto “filhos de militantes”.

Inicialmente, a proposta de investigação se configurava como um estudo qualitativo, fundamentado na experiência dos filhos de ex-militantes, acessada através da realização de entrevistas em profundidade, e analisadas a partir da construção de narrativas. O percurso planejado foi, no entanto, interrompido em meados de dezembro de 2015, quando após a realização das entrevistas, e tendo sido iniciadas as etapas de análise e organização dos dados, a maioria dos participantes solicitou a retirada do consentimento para utilização dos depoimentos. Tendo em vista tal fato, o uso do conjunto de dados foi inviabilizado.

Cabe mencionar que o cenário político vivenciado no país pareceu ter tido forte impacto na decisão dos entrevistados. O receio pelo reconhecimento das histórias – ainda que o anonimato fosse uma das premissas da pesquisa – foi mencionado por muitos como motivador para a retirada momentânea ou definitiva do consentimento em participar. Muitos acreditavam que não era momento oportuno para se tratar das memórias da ditadura quando a própria democracia ainda não se mostrava consolidada em nosso país.

Diante destes atravessamentos, foi necessário encontrar outra forma de acessar o objeto de pesquisa. O material documental coletado anteriormente, para aproximação com o campo pesquisado - etapa metodologicamente importante para a realização das entrevistas narrativas - foi alçado para o centro da discussão, tornando-se a principal via de investigação do tema. Dessa forma, foram realizados dois estudos.

No primeiro, formatado para a submissão no periódico *Avances en Psicología Latinoamericana*, analisamos os conteúdos veiculados nas plataformas virtuais H.I.J.O.S. de Argentina, Chile, Colômbia, Guatemala, México, Uruguai, Paraguai e Peru, as memórias pessoais, comuns e históricas partilhadas pelo grupo sobre as ditaduras e as violações de

direitos humanos na América Latina. A partir dos achados dessa primeira pesquisa, foi possível perceber que os processos de memória estão intimamente relacionados às dinâmicas identitárias estabelecidas pela rede internacional H.I.J.O.S..

Pretendendo, dessa forma, compreender a dimensão identitária da memória dos grupos empreendeu-se um estudo específico sobre os agrupamentos H.I.J.O.S. de Argentina e Paraguai, explorando as dinâmicas intergrupais encontradas a partir dos conteúdos publicados em suas páginas *web*. Essa segunda pesquisa se encontra estruturada para submissão no periódico *Arquivos Brasileiros de Psicologia*.

É importante explicitar que o interesse da pesquisa não recaiu sobre as complexas relações entre história e memória, e sim na maneira através da qual o estudo sobre a memória social está relacionado à história enquanto entendimento do cenário político e social de um período. O que interessou de fato foram os elementos que caracterizam e formam as mais diversas narrativas sobre o vivido que podem compor as memórias sociais ou coletivas na medida em que são reveladas as representações e as dinâmicas identitárias que se constroem acerca do período histórico abarcado. Nesse sentido, seguindo as concepções teórico-conceituais da abordagem psicossocial da memória e sob à luz da Teoria da Identidade Social proposta por Tajfel, foram investigados elementos que compõem a identidade social destes grupos, assim como diferentes instâncias da memória social.

2 ARTIGO I

***“No olvidamos, no perdonamos, no nos reconciliamos”*: construções de memória nas publicações dos websites do grupo Hijos por la Identidad y la Justicia contra el Olvido y el Silencio**

RESUMO

O objetivo deste estudo foi investigar a construção e preservação da memória social do grupo HIJOS, organização de direitos humanos composta por filhos de exilados, desaparecidos, mortos e presos políticos durante os regimes autoritários na América Latina. Especificamente, pretendeu-se analisar o conteúdo veiculado pelo grupo em seus websites para a divulgação e preservação da memória. Os dados foram coletados a partir de seções de publicações das plataformas virtuais HIJOS de Argentina, Chile, Colômbia, Guatemala, México, Uruguai, Paraguai e Peru. As análises foram realizadas com o suporte do software ALCESTE PLUS. A partir do procedimento de classificação hierárquica descendente foram encontrados quatro classes, organizados em dois grandes grupos: "Luta pela Justiça e Memória" e "Memórias em Negociação: Reconhecimento e diferenciação". Mais do que evidenciar os websites HIJOS como um espaço ampliado de mobilização política, os conteúdos encontrados nesses espaços virtuais permitem a criação de novas versões sobre o período das ditaduras. Ao mesclar memórias de diferentes gerações, bem como experiências e memórias pessoais, o grupo HIJOS promove, portanto, o surgimento de uma memória histórica sobre as ditaduras e as violações de direitos humanos na América Latina.

Palavras-chave: Psicologia social, Memória, Alceste, Ditaduras

***“No olvidamos, no perdonamos, no nos reconciliamos”*: memory construction in the publications of the websites of the HIJOS group (Hijos por la Identidad y la Justicia contra el Olvido y el Silencio)**

ABSTRACT

The objective of this research was to investigate the construction and preservation of the social memory of the HIJOS group, a human rights organization comprised of children of exiles, disappeared, dead and political prisoners during the authoritarian regimes in Latin America. Specifically, through their websites, we intended to analyze the content published by the organization, for the dissemination and preservation of the memory. The data were collected from publications on the virtual platforms of HIJOS Argentina, Chile, Colombia, Guatemala, Mexico, Uruguay, Paraguay and Peru. The analyzes were performed with the support of ALCESTE PLUS software. In the procedure of the Descending Hierarchical Classification, four classes were found, organized in two large groups: “Fight for Justice and Memory” and “Negotiation of Memories: Recognition and differentiation”. The websites created by HIJOS are not only an enlarged platform for political mobilization, the content on these virtual spaces also allows creating new versions about the period of dictatorships. By combining memories of different generations, as well as personal memories and experiences, the HIJOS group promotes the emergence of a historical memory of dictatorships and human rights violations in Latin America.

Keywords: Social psychology, Memory, Alceste, Dictatorships

“No olvidamos, no perdonamos, no nos reconciamos”: construcciones de memoria en las publicaciones de los sitios web del agrupamiento Hijos por la Identidad y la Justicia contra el Olvido y el Silencio

RESUMEN

El objetivo de este estudio fue investigar la construcción y preservación de la memoria social del grupo HIJOS, organismo de derechos humanos compuesto por hijos de exiliados, desaparecidos, asesinados y presos políticos durante los regímenes autoritarios en América Latina. Específicamente, se pretendió analizar los contenidos publicados por la agrupación en sus sitios *web* para la difusión y preservación de esa memoria. Los datos fueron recogidos entre las publicaciones de las plataformas virtuales HIJOS de Argentina, Chile, Colombia, Guatemala, México, Uruguay, Paraguay y Perú. Los análisis se dieron con el apoyo del software ALCESTE PLUS. En el procedimiento de clasificación jerárquica descendente fueron encontradas cuatro clases, organizadas en dos grupos principales: "Lucha por Memoria y Justicia" y "Memorias en negociación: reconocimiento e diferenciación". Más que exponer las páginas web como un espacio ampliado para la movilización política de esos movimientos sociales, los contenidos encontrados en los sitios posibilitan la creación de nuevas versiones sobre el período de las dictaduras. Al mezclar recuerdos de distintas generaciones, así como experiencias y memorias personales, los HIJOS promueven, por lo tanto, la emergencia de una memoria histórica sobre las dictaduras y sobre las violaciones de los derechos humanos en América Latina.

Palabras clave: Psicología social, Memoria, Alceste, Dictaduras

A segunda metade do século XX na América Latina foi marcada por sucessivas violações dos direitos humanos, uma vez que diversos dos seus países foram submetidos a rupturas institucionais em seus processos democráticos. Diferentes características podem ser observadas quanto aos contextos históricos, sociais e políticos que levaram aos golpes, à atuação das forças repressivas, à duração de tais períodos e ao processo de redemocratização vivenciado. Contudo, uma análise em conjunto pode ser feita, a partir de elementos, tais como o desaparecimento das liberdades democráticas e de direitos individuais, práticas sistematicamente utilizadas em todos esses Estados (Padrós, 2009).

Em meados dos anos de 1950, no contexto da Guerra Fria, a América Latina sofreu dois processos que viriam modificá-la completamente: uma crise estrutural, sem precedentes, resultante do esgotamento de modelos econômicos; e a vitoriosa jornada revolucionária de Fidel Castro, Che Guevara e Camilo Cienfuegos na construção de um poder popular e socialista em Cuba (Funari & Zarankin, 2008; Padrós, 2009). Os efeitos da ruína econômica sobre os setores populares em conjunto com a agitação decorrente de mobilizações internas, assim como as demandas por mudanças, radicalização política, endurecimentos de setores conservadores e efervescência estudantil, desenharam um cenário profícuo aos ideários

golpistas nesses diferentes países (Padrós, 2009).

No contexto do Cone Sul¹, todas as nações passaram por golpes civil-militares, geralmente reformulando as relações internas de poder e a forma do exercício da política no interior dos países. Apesar de guardarem certas especificidades, como, por exemplo, o papel político da Igreja Católica durante os regimes autoritários (Klaiber, 1998), tais governos mantiveram em comum um intenso discurso anticomunista, respaldando sua legitimidade na ideologia da segurança nacional (Penna Filho, 2009). Sob a tutela norte-americana, esses países passaram a implementar a Doutrina de Segurança Nacional (DSN) ancorados no entendimento de que qualquer intimação comunista na América Latina poderia ser o sinal da ofensiva imperialista soviética nesses territórios (Padrós, 2009).

Comblin (1980) em estudo precursor sobre as origens, a história e as implicações da ideologia de segurança nacional, relata que a DSN mantinha a estrutura e a coerência de cada regime. Para o autor, a DSN está ligada a um determinado projeto político, em que são concebidos os conceitos de nação unificada e forte, pressupondo a divisão do mundo em dois poderes antagônicos: de um lado estariam os blocos comunistas e de outro o bloco anticomunista. Essa seria a grande tese geopolítica da ideologia de segurança nacional, que em conjunto com o conceito de guerra total ao comunismo, justificariam as ações de repressão aos movimentos políticos de contestação. Assim, as consequências da adoção de princípios da DSN à realidade da América Latina potencializaram a “repressão político-ideológica . . . a manipulação midiática, supressão de direitos individuais, tortura e desaparecimentos, democracia aparente (mas não de fato), atraso cultural, educacional, jurídico e tecnológico” (Sthefan, 2015, p. 14).

No Brasil, o golpe de Estado contra o governo João Goulart entre março e abril de 1964, deu início à expansão da onda contra insurgente por todo o continente, tornando o país um dos principais laboratórios de práticas repressivas e foco disseminador das mesmas (Almeida & Weis, 1997; Padrós, 2009).

Os governos estabelecidos no Paraguai² (1954), Argentina (1966 e 1976), Bolívia (1964, 1971, 1979 e 1980), Uruguai e Chile (1973), tinham como eixos norteadores um anticomunismo militante, a identificação do inimigo interno (os subversivos), a execução da guerra interna, a imposição do papel político das Forças Armadas e a definição de fronteiras

¹ Os países que compõem o Cone Sul são: Brasil, Bolívia, Argentina, Paraguai, Uruguai e Chile. O termo é usualmente utilizado no campo da Geografia (Dorfman & Cardin, 2014) e das Relações Internacionais (Ovando Santana, 2012).

² No Paraguai o golpe militar não representou uma interrupção abrupta de um regime democrático. O país vinha de um histórico de regimes autoritários sucessivos. Em maio de 1954, Alfredo Stroessner se colocou no poder e governou até o golpe de Estado que o destituiu em 1989 (Pa, 2008).

ideológicas (Olivier, 2003; Novato & Palermo, 2007, Padrós, 2009).

Conforme aponta Padrós (2009), cada país teve especificidades quanto às suas estruturas políticas-sociais, assim como na definição do inimigo a ser combatido e na organização das estratégias de repressão, todavia, enquanto marcos gerais, os regimes autoritários operaram tendo como objetivo a desmobilização e despolitização da sociedade, bem como impuseram programas de desnacionalização econômica, privatizações e concentração de riquezas. O mesmo autor observa que a consolidação dos regimes gerou “um novo modelo social construído a partir de uma política de terror exercida desde o Estado e de uma cultura de medo projetada sobre o conjunto da sociedade, procurando atingir até os comportamentos mais cotidianos de convivência” (Padrós, 2009, p.18).

Em todos estes países, após a redemocratização ocorreram diferentes dinâmicas sociais que impulsionaram, invisibilizaram ou elegeram uma versão oficial de uma memória histórica dos períodos. De forma ampla, esses regimes resultaram em perseguição política a determinados grupos sociais, gerando prisões, mortes e desaparecimentos de militantes políticos e de pessoas que de alguma maneira eram consideradas opositoras ao governo vigente.

Nesse contexto, é importante destacar o papel dos familiares de presos e desaparecidos por motivos políticos ao longo dos regimes autoritários e durante os processos transicionais. Por certo, foram fundamentais nas ações de denúncia e combate as arbitrariedades +dos regimes de exceção em toda a América Latina. Autores como Jelin (2007) apontam que uma das principais motivações para a criação e manutenção de grupos com essa finalidade estavam incutidos nos laços de sangue com os diretamente atingidos pelo aparato repressor. Sendo assim, o afeto foi força motriz “na busca por justiça de muitas mulheres e homens que, durante as ditaduras . . . colocaram suas vidas em risco para denunciar as violações aos Direitos Humanos, as torturas e desaparecimentos de seus filhos e filhas, companheiros e amigos” (Wolff & Silva, 2013, p.191).

Ao longo dos anos, diversos grupos de familiares se organizaram e criaram diferentes ações com a finalidade de promover a justiça e a (re)construção da memória do período. Talvez o mais célebre deles seja o movimento preconizado pelas Madres de Plaza de Mayo, conhecido na atualidade “*como pioneras de la democracia y de los derechos humanos, las Madres se reunieron por primera vez en 1977 . . . [su] activismo las ha convertido en el movimiento femenino más estudiado y comentado en América Latina durante los últimos treinta años*” (Borland, 2006, p. 130).

Contudo, há inúmeras outras organizações, como a boliviana *Asociación de*

Familiares de Detenidos Desaparecidos y Mártires por la Liberación Nacional, movimento político-social iniciado também na década de 1970 (Asociación de Familiares de Detenidos Desaparecidos y Mártires por la Liberación Nacional, 2007), e a *Agrupación de Familiares de Detenidos Desaparecidos*, criada no Chile e formada fundamentalmente por mulheres (Agrupación de Familiares de Detenidos Desaparecidos, 1997).

Como sinaliza Teles (2010), os familiares são atores sociais que provocam, interrogam e redimensionam o presente, e como sobreviventes de um tempo difícil de ser lembrado, colecionam fragmentos que fazem lembrar os seus, assumindo-se como herdeiros da memória. Sendo os familiares atores principais por traçar as fronteiras entre memória, história e justiça nos dias atuais, destacamos neste trabalho, um movimento social específico de filhos de militantes políticos: “H.I.J.O.S - *Por la Identidad y la Justicia Contra el Olvido y El Silencio*”.

Tal movimento teve início na Argentina, em 1994, passando a abranger outros países que sofreram com regimes autoritários, tais como: Chile, Uruguai, Paraguai, Colômbia, Guatemala, Peru e México. Cabe mencionar, que dentro dos países, podem-se encontrar agrupamentos regionais, numa estrutura não-padronizada. Não obstante, o objetivo comum dos grupos é a construção de um espaço de compartilhamento, apoio mútuo e possibilidade de expressão da luta política travada pelos sujeitos em busca da preservação de suas histórias, pela memória e justiça. Conforme aponta Cueto Rúa (2010) sobre o agrupamento argentino HIJOS-La Plata, mas que também pode ser expandido para o cenário geral, cuja organização “Se conformó en más de una decena de ciudades del país [y] en el exterior. . . . Se trata más bien de diferentes agrupaciones cuyo núcleo común es un nombre y una serie de reivindicaciones ligadas a la defensa de los derechos humanos” (p. 138).

Ainda que a literatura aponte a existência de divergências internas de estratégias de ação e de legitimidade quanto a quem poderia reivindicar a participação no agrupamento, neste trabalho, nos interessamos pelo discurso difundido pelo movimento de forma ampliada. Tomamos como argumento a noção de pertencimento psicossocial (Tajfel, 1983), que não se trata estritamente da pertença física, mas da vinculação psicológica/ideológica ao grupo. Nesse sentido, é possível notar a adesão ao movimento denominado H.I.J.O.S por meio das comunicações em conjunto documentadas na Declaração final do encontro da Rede Internacional de Hijos, realizada em 2010, na Cidade do México, que detalha tanto os pertencentes ao grupo quanto os princípios em comum da organização.

Um dos instrumentos de divulgação e articulação do movimento HIJOS³ são os diretórios virtuais alimentados pela organização dos grupos em cada país. A proposta do website é resgatar parte da história e da memória histórica de cada nação, promovendo o conhecimento por parte dos filhos de militantes de sua própria história, reafirmando identidades e valorizando as experiências vivenciadas. Neste trabalho, portanto, são explorados os documentos divulgados em tais websites, a fim de compreendermos a construção e preservação da memória no ambiente virtual.

MEMÓRIA E CIBERESPAÇO

A discussão sobre a preservação da memória, sobretudo, da memória social enquanto patrimônio dos grupos sociais é própria do final do século XX, dado o caráter caótico e instável da contemporaneidade (Dodebei & Gouveia, 2008). Neste cenário, no qual a transformação, a velocidade e a virtualidade são aspectos inerentes, contrasta-se a necessidade de preservação de registros materiais de fatos sociais importantes em acervos, museus, bibliotecas e monumentos.

A era da Nova Tecnologia da Informação e da Comunicação iniciada nos anos de 1970, fortalecida pelo avanço tecnológico a partir dos anos de 1990, trouxe à tona a necessidade de elaboração de um novo espaço de comunicação, trocas e de novas relações sociais (Lopes, Santos & Duarte, 2010). A noção de virtual torna-se imprescindível para compreender esse novo espaço de sociabilidade. Conforme Lévy (1999) o virtual apresenta-se como “toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais em particular” (p. 47), contudo, o mesmo autor afirma que ainda que não se possa fixar o virtual em nenhuma coordenada espaço-temporal, o virtual é real, visto que existe independentemente da presença.

Nesse sentido, o conceito de ciberespaço definido por autores como o próprio Lévy (1999); Monteiro, Carelli e Pickler (2006) se delinea como um meio virtual e comunicacional heterogêneo, veloz, marcado pela instabilidade e pela desterritorialização, no qual não está contemplada a ideia de preservação em si, já que as informações neste espaço de relações se diluem e não permanecem armazenadas perpetuamente. Logo, o ambiente *online* altera a

³ Adotamos a grafia HIJOS seguida do país a qual se refere a citação, contudo, não desconsideramos as vicissitudes de cada organização, assim como as divergências internas presentes nas dinâmicas intergrupais locais.

essência da memória (permanência), pois sua base é a transformação e a velocidade de mudança das informações (Monteiro, Carelli & Pickler, 2006, 2008).

Segundo Lemos (2007, 2013), a cibercultura caracterizada como a era das redes telemáticas globais nos provoca a refletir sobre os inúmeros problemas de dissolução das fronteiras, assim como sobre as crises de controle e de acesso, acabando, portanto, por influenciar as formas de desterritorializações contemporâneas. “A desterritorialização informacional afeta a política, a economia, o sujeito, os vínculos identitários, o corpo, a arte. A internet é, efetivamente, máquina desterritorializante. . . . Estão em marcha processos de desencaixe e de compressão espaço-tempo na cibercultura” (Lemos, 2007, p. 6).

Contudo, de acordo com o mesmo autor, não se pode perder de vista que “todo espaço, físico ou simbólico, apropriado por forças políticas, econômicas, culturais ou subjetivas, se transforma em território” (Lemos, 2007, p.5). Assim, o ciberespaço ao passo que possibilita a desterritorialização, proporciona também “reterritorializações” (p. 7) a partir de seus usos e apropriações pelos usuários, criando novas composições das relações interpessoais, novos sentidos de lugar e controle informacional (Lemos, 2013).

Portanto, sob essa ótica, os websites HIJOS surgem como possível território de construção de memórias de filhos de militantes políticos de oposição às ditaduras militares em diferentes países da América Latina. Dodebei e Gouveia (2008) salientam a preocupação social em preservar, registrar, e manter presente os fatos marcantes nos ambientes virtuais. Dessa maneira, a utilização do ciberespaço por esse grupo, a partir da tentativa de armazenamento, de materialização, e de topografar as memórias, reflete, o que segundo Nora (1993), representaria um desejo de memória. Tal desejo estaria marcado por uma intencionalidade de discutir, provocar e informar aos possíveis leitores, questões ainda obscuras acerca destes períodos políticos, marcados pela violência de regimes totalitários. Assim, o ciberespaço torna-se um lócus de luta, de fortalecimento de um movimento social mais amplo de denúncia e de mobilização por memória, verdade e justiça.

Discorrer sobre memória nesse meio infor-midiático marcado pela instabilidade pode nos levar a retratar também o esquecimento. As memórias dos regimes ditatoriais nos diversos países mencionados têm ainda aspectos obscurecidos, velados, não porque passam por um “boom” de alterações como as informações no espaço virtual, mas porque estão ligadas a uma batalha inerente do campo da memória: o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido ou encoberto. Essa batalha reflete a dinâmica dos processos intergrupais, deflagrando a soberania de determinados grupos sobre os outros. O espaço virtual, não obstante, aparece também como um campo de infinitos interesses, assim, a criação,

estabilidade e atividade de uma rede *online* internacional mantida por um movimento social, demarca o esforço do grupo em revelar “memórias subterrâneas” (Pollak, 1989, p. 4).

Sobre a utilização da internet por grupos organizados. Araújo (2011) aponta que

o advento da internet e os recursos colaborativos da web, modificam significativamente as formas dos grupos sociais se expressarem e oferecem novos contornos às manifestações coletivas que passam a ir além das antigas fronteiras espaço-temporais e alcançam potenciais expressivos de organização social. . . . Nesta perspectiva histórica é fundamental destacar a importância de uma consciência política proporcionada pelos movimentos sociais na construção da memória, que pode ser vista como uma verdadeira luta contra o esquecimento (p.2).

Além de um espaço de resistência, as plataformas alimentadas pelo agrupamento HIJOS figuram como espaços virtuais de construção de memórias sobre o período das ditaduras na América Latina. Ou seja, os conteúdos compartilhados *online* pelos HIJOS parecem fomentar conteúdos que alimentam a esfera definida por Sá (2007, 2009, 2015) como elementos de uma memória histórica.

Segundo Sá (2015), nos “termos de uma psicologia social da memória” (p. 269), as memórias históricas são compreendidas como “memórias da história”, ou seja, “memórias construídas por populações que viveram ou estiveram implicadas em fatos que vieram a se tornar ‘históricos’” (Sá, 2015, p. 269). O mesmo autor ressalta ainda que as memórias históricas são compostas por memórias coletivas, comuns e pessoais, pela vivência da história ou por conhecimento de testemunho de quem viveu (Sá, 2009). Quanto aos tipos de memórias, numa abordagem psicossocial (Sá 2007, 2009) é possível compreender as memórias pessoais como aquelas que se referem ao passado das próprias pessoas que se lembram, porém se relacionam também aos fatos sociais, potencialmente históricos, de que tenham participado. Já as memórias comuns, são aquelas formadas por pessoas que, não estando em interação, são expostas aos mesmos fatos e informações e deles guardam as mesmas lembranças, embora não cheguem a elaborá-las coletivamente (Sá, 2009).

A memória histórica, por sua vez, teria duas vertentes, oral e/ou documental, formada por acervos orais e escritos; nesse sentido, pode-se dizer, que os websites são uma forma documental de registrar a memória de determinados grupos.

A partir das elaborações propostas por Sá (2009), compreende-se que os textos/informes/manifestos veiculados pelos HIJOS, configuram-se como suporte documental da memória histórica, tendo em vista que esta também é constituída “. . . tanto [por] documentos históricos *stricto sensu* quanto [por] produções didáticas, midiáticas e artísticas posteriores [aos acontecimentos] (Sá, 2009, p. 94). Esses documentos podem ser considerados como estratos da memória histórica pela mobilização da sociedade em torno deles, isto é, pelo

fato de serem lidos, acessados. É esta mobilização, que de acordo com Nora (1993), tem potencial de transformar lugares de história em lugares de memória, pois há neste movimento uma intenção, ou vontade de memória, tanto por parte do grupo que divulga quanto por aqueles que acessam.

A manipulação destes documentos, neste espaço virtual de produção de memória, pode possibilitar um compartilhamento de sentido por aqueles que nunca tiveram acesso a tal conteúdo, aqueles que não viveram no contexto das ditaduras militares nos países latino-americanos, isto é, por gerações diferentes, considerando que “. . . educação, comunicação e arte têm demonstrado grande capacidade em transformar fatos não vividos pelas pessoas em memórias comuns e mesmo coletivas” (Sá, 2009, p. 95).

A partir do estudo psicossocial da memória, especificamente da memória histórica documental, consideramos que o acesso aos espaços midiáticos, por meio da educação e mídia, faz com que os grupos sociais construam o que Sá (2009) denomina como “memórias adquiridas”. Sendo assim, discutiremos neste trabalho a contribuição dos websites HIJOS como possível ferramenta promotora de novas versões sobre as ditaduras militares na América Latina, mesclando memórias de diferentes gerações, contribuindo assim para a construção de uma memória histórica mesmo entre gerações que não viveram o período.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de estudo documental, que visa um esforço para além da mera compilação e organização de textos, mas um exercício ativo de interpretação e inferência (Souza & Menandro, 2007), e que, portanto, “permite construir indicadores e cosmovisões, valores, atitudes, opiniões, preconceitos e estereótipos e compará-los entre comunidades” (Bauer, 2008, p. 192).

A fonte de dados desta pesquisa foram os websites HIJOS dos seguintes países: Argentina, Chile, Uruguai, Paraguai, Colômbia, Guatemala, Peru e México. Em cada país, os diretórios virtuais apresentam uma estrutura de organização própria, sendo que as seções apresentadas nem sempre correspondem. Neste estudo foram selecionadas aquelas seções que apresentaram características de produção e organização semelhantes dos textos, sendo consideradas para a coleta final as seguintes seções: comunicados; postagens; documentos; manifestos; textos e informes. A coleta dos dados se deu entre os meses de abril e junho de 2014 através do acesso aos websites na rede mundial de computadores.

Para análise dos conteúdos utilizou-se a análise lexical, por meio do software

ALCESTE PLUS® (2014), uma vez que os procedimentos analíticos por ele empreendidos são baseados nos pressupostos de que “pontos diferentes de referência produzem diferentes maneiras de falar, isto é, o uso de um vocabulário específico é visto como uma fonte para detectar maneiras de pensar sobre um objeto” (Kronberger & Wagner, 2002, p.427). Os mesmos autores apontam ainda que o objetivo da metodologia de análise do ALCESTE é investigar “as semelhanças e dessemelhanças estatísticas das palavras a fim de identificar padrões repetitivos de linguagem” (Kronberger & Wagner, 2002, p. 428), possibilitando, portanto, a identificação de classes de palavras que podem indicar diferentes pontos de convergência sobre um determinado objeto. Os dendrogramas resultantes do procedimento estatístico de Classificação Hierárquica Descendente (CHD) foram analisados a partir de elementos teóricos da abordagem psicossocial da memória.

RESULTADOS

Na composição do corpus o software ALCESTE indicou 3187 Unidades de Contexto Elementar – UCE - (60,69% ocorrências potencialmente analisáveis, frequência >3 das formas reduzidas), e deste total, 2624 foram analisadas (82,33%). A CHD utilizou dois procedimentos envolvendo 14 e 16 palavras reduzidas. O dendrograma de classes apresentou quatro classes organizadas em dois grandes grupos que se opõem e se complementam. A nomeação das classes e das suas relações se desenvolveu a partir da consideração das palavras plenas (as principais estão dispostas nas classes presentes na Figura 1) e das UCEs de maior qui-quadrado (apresentadas ao longo do texto entre parênteses), bem como de referenciais temáticos e teóricos acerca do fenômeno investigado.

Classe 1		Classe 2		Classe 3		Classe 4	
36%		23%		27%		14%	
Variáveis ^a	X ²	Variáveis	X ²	Variáveis	X ²	Variáveis	X ²
*pais_7	652,1	*temp_1	233,11	*pais_6	1038,98	*pais_1	845,8
*id_447	90,52	*id_384	210,08	*id_377	132,8	*temp_2	81,27
*cont_2	87,72	*cont_1	189,02	*id_383	74,12	*cont_2	75,98
*id_449	71,02	*pais_2	155,58	*id_426	58,3	*id_281	36,07
Formas	X ²	Classe 2	X ²	Classe 3	X ²	Classe 4	X ²
estado	105,88	me	211,37	nuestro_organismo	239,55	plaza	305,87
crimen+	81,83	mi	195,89	paraguay+	230,66	mayo	208,83
lesa	77,45	ten+	93,43	argentín+	130,28	juicio+	204,07
humanidad	74,56	no	89,04	adrian_martinez_mor	109,36	genocid+	148,83
proces+	65,84	mundo+	78,56	nuestr+	87,52	esma	143,99
judicial+	63,43	hombre+	77,21	herman+	74,75	represor+	137,52
del+	56,5	era	63,61	operacion_condor	74,48	perpetu+	135,98
extrajudicial+	52,86	mujer+	59,11	companer+	73,95	clandest+	133,09
ejecucion+	47,64	gente	58,94	herm+	72,14	extermin+	106,97
gobierno+	47,36	mis+	52,46	asuncion	62,65	hora+	95,15
reparacion+	45,65	siempre	52,31	organ+	60,8	detencion+	90,02
caso	41,83	teng+	48,38	stronismo	48,53	jueves	82,27
TC	40,42	mano+	44,84	partido_colorado	48,4	castig+	82,16
hechos	39,62	yo	44,84	famili+	45,41	comun+	80,19
avance+	36,88	habl+	44,35	nuestros	44,94	tortur+	77,55
matanza+	35,34	pens+	43,97	secuestr+	43,02	march+	74,85
chavin_de_huantar	35,11	sueno+	43,97	desaparecid+	41,91	carcel+	73,33
terror+	35,07	justo	42,87	repudi+	41,91	federal+	72,77
indic+	31,85	grand+	40,64	maria_santa_moreira	39,92	lun+	71,56
procesados	31,57	otr+	39,58	detenid+	39,89	aparicion	71,04
museo	29,8	histor+	38,77	erp	38,27	fundadora	70,93
ley+	29,5	nosotros	37,44	nieto+	37,7	oral+	68,31
Absence ^b	X ²	Absence	X ²	Absence	X ²	Absence	X ²
paraguay	-61	del	-81,00	sin	-33	nuestr	-27
mi	-47	nuestro_org	-26,00	pero	-28	paraguay	-19
companer	-47	ex	-24,00	lesa	-26	sus	-18
compárneros	-47	lesa	-24,00	crimen	-25	asi	-17
nuestro_org	-45	humanidad	-23,00	humanidad	-25	pod	-17
Dimensão Pública da Causa		Dimensão Privada da Causa		Dinâmicas paraguaias		Dinâmicas argentinas	
Luta pela Memória e Justiça				Memórias em negociação: reconhecimento e diferenciação			

Note^a: Descrição das variáveis: Número de Identificação do trecho de texto (id); País (país_1: Argentina, país_2: Chile, país_3: Colômbia, país_4: Guatemala, país_5: México, país_6: Paraguai, país_7: Peru, país_8: Uruguai); Conteúdo (cont_1: texto exclusivamente sobre o HIJOS, cont_2: texto sobre o HIJOS, juntamente com outros temas); Tempo (temp_1: texto relativo ao contexto passado, temp_2: texto relativo ao contexto atual).

Note^b: Refere-se à palavras ausentes na Classe.

Figura 1: Dendrograma de Classificação Hierárquica Descendente (Dados totais da Rede Internacional HIJOS).

A Classe 1, *Dimensão Pública da Causa* (36%), possui o maior percentual no corpus, revelando um conteúdo volumoso e coeso. Notamos que as narrativas são majoritariamente relacionadas ao Peru (país_7) e seus conteúdos apresentam algumas características que tem afinidade com a luta travada pelo agrupamento HIJOS no âmbito da esfera pública, da batalha judicial, extrajudicial e política frente aos crimes de lesa-humanidade. Ainda assim, o léxico é marcado por elementos da realidade peruana, situando casos específicos em que Justiça e Governo confluem como no Caso Chavín de Huántar; episódio de uma conversa de áudio entre a juíza de um caso de “terrorismo” e um ministro do Governo peruano divulgada na imprensa. Nesta ocasião, ainda que a partir das provas do caso, a juíza tenha concluído que houve a execução de “terroristas” durante a intervenção militar no sequestro da embaixada japonesa entre 1996 e 1997, os militares envolvidos foram absolvidos, partindo-se do argumento de que teriam obedecido a ordens superiores. O contato da juíza com políticos na época do julgamento e seu afastamento posterior de suas funções, fazem crer que ela sofrera pressões durante o processo judicial. Tais dinâmicas são ilustradas na UCE transcrita abaixo:

Unidade textual nº 2580 X2 = 27 *pais_7 *cont_2 *temp_2

en (la) que declara que (este) (evento) delictivo no (tiene) (la) (condicion) (de) (crimen) (de) (lesa) (humanidad). (las) razones (de) (la) (sentencia) (cuales) son (las) razones por (las) (cuales) (el) (TC) (ha) (emitido) (esta) (resolucion) en (la) (cual) (se) aparta (de) (las) mas elementales consideraciones (del) (derecho) (penal) (interno) y (del) (derecho) (penal) (internacional)?

A Classe 2 - *Dimensão Privada da Causa* (23%) - apresenta um léxico marcado pela pessoalidade, sendo majoritária a presença de referências ao próprio grupo, como nos pronomes *meu, me, eu, nós*. Trata-se de um mundo de cada um, contado por cada homem e mulher, e capaz de mobilizar outros em nome destas histórias. A narrativa é própria do tempo passado, revelando lembranças e acontecimentos anteriores. As dinâmicas do Chile são essenciais para a composição da classe, contudo, notamos a presença de experiências de outros países como Paraguai e Peru, que compartilham o aspecto pessoal dos relatos. Algumas das palavras ausentes na classe (conforme indicado no dendrograma) ajudam-nos a compreender a lógica pessoal mencionada, uma vez que não é uma pauta tratar de crimes de lesa-humanidade ou de ações do organismo, a dimensão narrada não é “nossa” (coletiva), e sim “minha” (pessoal).

Unidade textual nº 1679 X2 = 35 *pais_6 *cont_1 *temp_1

(un) (oficial) (me) (tenia) a (mi) (con) rastros de (sangre), (no) (sabemos) (si) (era) mia o de (ella). el (tipo)(le) (dice:) (lo) voy a (hacer) mierda a (tu) hijo, y (ella) (le) (dice) (que) (si) (era) por (ella), (que) (nos)hiciera mierda a (mi) y a (ella) de (una) (vez).

As classes 1 e 2 em conjunto foram tomadas por “Luta pela Memória e Justiça”, uma vez que ambas trazem modos diferenciados de tratar as questões essenciais para o agrupamento HIJOS, passando da esfera privada à pública, negociando a preservação da memória, mas também a luta pelos direitos humanos na atualidade.

A Classe 3, *Dinâmicas paraguaias*, apresenta elementos maciçamente relacionados ao contexto desse país. Entre os países, aquele cuja variável apresenta maior qui-quadrado é o Paraguai (pais_6) x2=230,66. A identidade do grupo é exaltada com a referência aos feitos do “*nosso organismo*”, diferenciando-se e destacando-se. Várias formas plenas fazem referência ao país, tais como, *Paraguay, Assuncion, Stronismo e Partido Colorado*. São mencionados nomes de companheiros do agrupamento, sendo sempre reforçada a atuação coletiva.

Unidade textual nº 1914 X2 = 38 *pais_6 *cont_2 *temp_2

el proyecto (impulsado) (en) (conjunto) por el (colectivo_la_igualdad) (y) (nuestro_organismo) sobre la (creacion) de una biblioteca_popular (en) el multiespacio_pasco; lugar donde (ambas) (organizaciones) funcionan, (llevara) el (nombre) de (nuestro) (companero) pablo_fernando_zanotti, muerto (en) la (denominada) (tragedia_de_once) (ocurrida) el 22 de (octubre) de2012 (en) la capital federal_de_argentina.

A Classe 4 - *Dinâmicas argentinas* - corresponde a 14% do *corpus*. Essa apresenta

predominantemente narrativas do grupo argentino, sendo diversos os elementos do contexto do país, como a *Praça de Maio*, *Esma* e *(línea) Fundadora*. Ainda que o número de UCEs referentes à classe represente a minoria do *corpus*, o discurso apresentado no texto é bastante consensual, sendo múltiplas as palavras com qui-quadrado elevado. Inclusive a palavra plena de maior valor do corpus, *Plaza* (x2=305,87). Há uma clara filiação junto às *madres* fundadoras da Praça de Maio, e neste ponto, os grupos funcionam fortalecendo-se mutuamente. Há palavras de conteúdo-chave como genocídio, repressor, clandestinidade, extermínio, detenção, castigo e tortura. Como se trata do grupo mais antigo, de maior convívio entre os pares, o discurso parece ser mais homogêneo, e, portanto, não revela contrastes.

Unidade textual n° 476 X2 = 93 *pais_1 *cont_2 *temp_2
 (juicio) y (carcel) (comun) (a) todos los (genocidas) (aparicion) con vida de (jorge_julio_lopez) ya!
 treinta_mil companeros (detenidos_desaparecidos) presentes! convocan: (abuelas) de (plaza) de (mayo)
 (familiares) de (desaparecidos) y (detenidos) (por) (razones) politicas h. i. j. o. s. regional (capital)
 (federal) (madres) de (plaza) de mayo_ (linea) (fundadora)

Assim como na classe *Dinâmicas paraguaias*, a classe 4 narra dinâmicas personalizadas a partir dos atores argentinos. Nesse caso, o discurso sobre os direitos humanos e a luta pela memória e justiça parecem ser os mais coesos. No Paraguai também se exalta, a todo o momento, a atuação em grupo, embora não haja um conteúdo ideológico consistente.

Em conjunto as classes 3 e 4 referem-se a *Memórias em negociação: reconhecimento e diferenciação*. Em ambos os grupos, argentino e paraguaio, são trazidos à tona conteúdos que remetem à valorização das histórias, relatos e experiências regionais, assim, cada agrupamento mostra formas complementares de atuação do HIJOS.

DISCUSSÃO

Os resultados apontaram importantes aspectos do campo dos direitos humanos nos países latino-americanos, sobretudo, àqueles que se referem aos períodos ditatoriais e ao processo de redemocratização. Assim, inicialmente discutimos a participação de familiares de militantes na composição desse campo.

Conforme visto na análise lexical os conteúdos da classe 1, especialmente os crimes de lesa-humanidade representam uma dimensão importante para a problematização do campo dos direitos humanos. A designação de tais crimes foi estabelecida nos princípios dos julgamentos de Nuremberg, em 1950, estabelecendo-os como atos desumanos contra a

população civil, que se dariam em ambientes de situações hostis e de conflitos generalizados. Essa definição foi aprovada pela Organização das Nações Unidas (ONU) no mesmo ano, e aceita por praticamente todos os tribunais penais internacionais, assim como a Corte Interamericana de Direitos Humanos. Segundo tais acordos e instituições, estes crimes devem ser investigados e punidos sem prescrição criminal (Piovesan, 2012; Ceia, 2013). A partir da anuência do Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos de 1966 e da Convenção Americana sobre Direitos Humanos de 1969, os Estados se comprometeram a investigar e a punir as situações de crimes ocorridas em seus territórios. Contudo, nos casos de ditaduras civil-militares na América Latina a história nos conta que tais pactos não foram cumpridos em sua totalidade, sendo os processos jurídicos alongados devido a atravessamentos das dinâmicas sociais e identitárias que favorecem ou dificultam a revisão de tais crimes, provocando a manutenção de memórias subterrâneas e de medo (Pollak, 1989) acerca de tais eventos.

Conforme apresentado nos conteúdos da classe 1, novamente identificamos a influência de esferas governamentais sobre a dimensão jurídica, cerceando os conteúdos que podem ser revelados, fragmentando o processo de construção das memórias, como por exemplo, no caso Chavín de Huántar – episódio de uma conversa de áudio entre a juíza do caso e um ministro do Governo peruano divulgada na imprensa, onde a ação do governo parece influenciar o processo legal, modificando o rumo do julgamento e as decisões tomadas.

Nos países latino-americanos, a fragmentação dos organismos políticos democráticos durante os regimes de exceção e a urgência da luta por direitos e justiça, acabaram por possibilitar a emergência de diferentes movimentos de denúncia às arbitrariedades dos governos. No momento inicial, a reivindicação se concentrou nas pautas de denúncia sobre as violações de direitos humanos; cenário que gradativamente foi se modificando para as demandas por “verdade e justiça”. No entanto, cabe ressaltar que essa dinâmica vem se desenvolvendo de maneiras distintas nos diferentes países latino-americanos. Exemplificando, tal qual sinaliza Alonso (2006) no caso argentino *“es evidente que la tardía movilización partidaria y las inconsistencias de las respuestas dictatoriales permitieron a sus agrupaciones [dos familiares] una ocupación privilegiada del espacio público”* (p. 01). Os organismos de direitos humanos que nasceram neste contexto, contribuíram para a agenda de debate, tornando-se espaços legitimados para a discussão pública, política e judicial dos crimes ditatoriais (Alonso, 2006).

Segundo Catela (1999), os familiares foram os primeiros a denunciar e

internacionalizar a problemática dos desaparecidos na Argentina. Situação semelhante se desenvolveu em outros países latino-americanos, nos quais “*las metáforas de sangre [fueran] utilizadas, actualizadas y resignificadas una y otra vez, cuando es necesario hacerse escuchar, narrar el horror, expresar para un publico hechos tan inexplicables*” (Catela, 1999, s/n). Para Jelin (2007) o uso da condição de familiares se deu como forma de sustentar um lugar diferenciado no conjunto de movimentos em prol dos direitos humanos, no qual o dado genético garantiria na esfera pública argentina, a legitimidade da luta dos “*afectados/as directos/as*” (p.39) pelos efeitos da perseguição, prisão e exílio.

A centralidade do conteúdo humanitário das denúncias, assim como a necessidade de distanciar-se da militância revolucionária, situou o discurso dos direitos humanos em um ponto distinto dos protagonistas das lutas dos anos de 1970 (Cueto Rúa, 2010).

Em análise do contexto argentino, Jelin (2007) aponta que o “*familismo*” foi duplamente utilizado do período dos anos 1970, tanto pelo governo quanto pelos movimentos dos direitos humanos. A família era apontada pelo governo ditatorial argentino como a célula básica da nação que deveria ser protegida contra os perigos da subversão. Já os grupos de luta pelos direitos humanos associados aos familiares de militantes se assentaram na imagem das violações de seus entes queridos, e, portanto, na violência do Estado contra a imagem da “*família de bem*” que ele prometera proteger. Por conseguinte, a esses grupos coube a tarefa de figurar como herdeiros das memórias de seus entes e da história a ser contada sobre tal período, já que os mesmos foram os responsáveis pela “*centralidad de la demanda por justicia [y] la hegemonía de la noción de derechos humanos*” (Cueto Rúa, 2010, p. 128).

Ainda que o parentesco tenha sido um importante elemento inicial para legitimar a defesa dos direitos humanos, a busca pela preservação da memória de seus familiares acarretou, em alguns casos, em uma desagregação entre os grupos de direitos humanos nesses países. Jelin (2007) problematiza esta questão ao tratar da esfera pública do debate no contexto argentino, “*la participación no [fue] igualitaria sino estratificada de acuerdo a la exposición pública del lazo familiar; un proceso que puede paradójicamente implicar nuevos conflictos y tensiones*” (p.45).

Somado a esse contexto, durante os processos de redemocratização a necessidade de novos arranjos políticos conciliatórios barraram os avanços das demandas por justiça. Os organismos de direitos humanos viveram, em consequência disso, progressivos abalos na receptividade e interesse social frente às suas reivindicações (Alonso, 2006). Foi diante de tal cenário, que novos movimentos argentinos surgiram ancorados nas experiências dos já consagrados movimentos dos familiares, contudo, diferenciando-se, tal é o caso do grupo

HIJOS “*organización juvenil que recuperaba no sólo las banderas del movimiento sino que además reivindicaba los objetivos de transformación social que habían inspirado la lucha de sus padres desaparecidos, asesinados, presos o exiliados. Se iniciaba así una nueva fase de movilización*” (Alonso, 2010, p. 77).

A rede nacional de HIJOS foi formada a partir de contatos pessoais, encontros em ambiente universitário e a pela inserção desses jovens em outras organizações de familiares, como as *Madres y Abuelas de la Plaza de Mayo*. A través da identificação e reconhecimento mútuo, os *hijos* começaram a recordar coletivamente as trajetórias de seus pais, a relacionar-se com outros grupos sociais e a se conformarem enquanto organização. Considerando-se herdeiros das lutas travadas anteriormente pelas *madres* e *abuelas*, a filiação e parceria do grupamento são inegáveis, ficando evidente na análise de trechos de texto que se encontram associados à Classe 4 – *Dinâmicas argentinas*:

Justicia legal, jamás justicia por mano propia", nos dijeron nuestras Madres mil veces, como una promesa, un mandato, como una plataforma política. Porque estas mujeres, que nos formaron y marcaron el camino, entendieron mejor que nadie que la revancha es siempre una mala decisión personal, que nunca puede contener a todos los que cabemos dentro del reclamo genuino y sostenido por el pueblo argentino (HIJOS/Argentina).

Logo de sua fundação, o agrupamento HIJOS encontrou grande capilaridade entre os movimentos sociais à época e ganhou legitimidade frente à sociedade (Alonso, 2010; Cueto Rúa, 2010). As renovações apresentadas pelos agrupamentos na forma de mobilização da sociedade civil para as suas causas, assim como na maneira de se denunciar os crimes cometidos pelos Estados, “*incluyeron aspectos políticos (formas de acción como los escraches, concepción de la justicia social) y estéticos tanto en su forma de organización interna como en el proceso de identificación que los condujo a determinadas acciones colectivas*” (Raina, 2012, p. 09).

Inúmeros exemplos da atuação pública atual do HIJOS são apresentados na Classe 4. São comuns os comunicados e convocatórias, assinados conjuntamente por outros grupos de direitos humanos vinculados a causa de familiares de ex-militantes, que são publicados nos seus websites. Em algumas ocasiões são organizadas ações em conjunto:

Se realizará el lunes 5 de septiembre a las 18:30 horas en el Auditorio de UTE. . . . Panelistas: Madres de Plaza de Mayo Línea Fundadora. . . . Familiares de Desaparecidos y Detenidos por Razones Políticas, . . . Abuelas de Plaza de Mayo. . . . Moderador: H.I.J.O.S (HIJOS/Argentina).

Conforme apontam os estudos sobre o agrupamento HIJOS, no primeiro momento, seus encontros serviam para coletivizar a dor, para transmitir experiências e memórias, de tal

forma que o grupo tornou-se um lugar de contenção emocional ao sofrimento (Catela, 1999; Cueto Rúa, 2008). Ainda que tal aspecto seja marca do início do movimento, notamos a continuidade de tais características nas publicações vinculadas pelas plataformas virtuais, cujo espaço também é usando como divulgador das memórias pessoais de seus membros

Año 89' fue el año del regreso. . . . Eran demasiadas las emociones que sentía, recuerdo que ver la cordillera me causo una emoción muy grande. . . . Al fin nos bajamos del avión y la música que sonaba era "Vuelvo" de Illapu, canción que hasta el día de hoy me emociona (HIJOS/Colombia).

Nos conteúdos preponderantes na Classe 2 - *Dimensão Privada da Causa* – são evidenciados elementos referentes à memórias pessoais, fortemente marcadas pelo caráter emocional, tal como o trecho mencionado acima sobre o regresso à pátria após o exílio involuntário para acompanhar os pais. Se para Lowenthal (1998), a memória “transforma acontecimento públicos em experiências pessoais idiossincráticas” (p. 79), ao publicarem os relatos pessoais, esses sujeitos que tiveram suas vidas atravessadas por determinados processos históricos, mobilizaram lembranças que contribuem para o fortalecimento da identificação entre os pares, e para a construção de uma imagem comum do grupo. Cabe mencionar que os elementos textuais reunidos nesta classe são originados de publicações de praticamente todos os países representados na coleta, o que reforça a possibilidade de uma análise ampliada das publicações do grupamento HIJOS.

A abordagem psicossocial da memória, empregada neste trabalho, busca romper com a tradição que exterioriza os fenômenos de memória frente aos indivíduos ao afirmar que “são as pessoas que se lembram, embora a forma e boa parte do conteúdo das suas memórias sejam socialmente determinadas, pelos grupos, pelas instituições, pelos marcos mais amplos da sociedade” (Sá, 2007, p. 291). Deste modo, as diferentes construções de memória são marcadas pelo impacto dos cenários micro e macrossocial.

Os conceitos de “memórias pessoais” e “memórias comuns” parecem ser cruciais para análise do *corpus* da pesquisa, tendo em vista que o conjunto de textos revelou, de forma ampla, lembranças de uma sociedade e de um tempo que se sustentam nas recordações de cada membro do grupo.

Ainda se referindo à Classe 2 - *Dimensão Privada da Causa*, os relatos dão conta do grande sofrimento e do sentimento de confusão em relação a própria identidade que marca as experiências dos HIJOS. Há inúmeras narrativas em que se destacam referências diretas as pertencas grupais, as experiências familiares e as vivências, sobretudo, durante o exílio

Es difícil vivir con ese sentimiento muchas veces de no saber adonde uno pertenece, si se es holandesa o chilena. . . . fue una gran alegría [estar con HIJOS] al fin estaba con personas que compartían la misma historia que nos vinculaba con esta dictadura de dolor (HIJOS/Chile).

A identidade destes sujeitos foi impactada pelas experiências de distanciamento dos pais - com a criação sendo delegada aos parentes ou a desconhecidos -, assim como pelo rompimento abrupto das relações estabelecidas com suas comunidades locais, tendo sido lançados ao desconhecido do exílio. Os impactos dessa experiência sobre a identidade de filhos de militantes também foram analisados por Pinto Luna (2013), em pesquisa relativa às experiências de filhos de militantes chilenos que viveram no exílio na França:

La identidad del exiliado así como la del retornado fue criminalizada, demonizada, fue sinónimo de delincuente, terrorista, subversivo, y sus proyectos políticos e ideológicos fueron presentados ante la sociedad como los causantes de todos los problemas que había vivido el país, justificando así al golpe de Estado como el remedio salvador. Esto fue para los hijos una carga adicional de sufrimiento, aun cuando tienen conciencia que ese discurso negativo estaba dirigido a sus padres (p.171).

Assim, de acordo com a autora, muitos daqueles que vivenciaram essas experiências acabaram buscando espaços e relações sociais que não colocassem em conflito sua identidade e história pessoal. Outros passaram a racionalizar uma imagem positiva do exílio, a fim de tentar eliminar o conflito interno, pois teriam, ao longo da vida, a tarefa de compreender sua relação com o outro e sua relação com a dupla identidade a que estão ligados (Pinto Luna, 2013). Uma vez que "*la identidad, da cuenta de un origen, una historia a través de la cual somos lo que somos en el presente y proyectamos en un futuro*" (Pinto Luna, 2013, p. 171), a formação do grupo HIJOS nos países que sofreram as sevícias de um regime autoritário inaugura a possibilidade destes atores contarem suas histórias e romperem o silêncio e o esquecimento.

A formação e mobilização do grupo HIJOS parece revelar uma dinâmica de atualização da memória, diante da publicização de relatos pessoais, concomitantemente aos desdobramentos de julgamentos e processos que caminham no âmbito jurídico. Tal atualização ocorre, no entanto, a partir de dinâmicas identitárias que visam à proteção do próprio grupo, tencionando as batalhas entre aquilo que pode ser revelado ou deve ser silenciado. Os textos apresentados nas classes 1 e 2 apresentam, portanto, aspectos da esfera pública, relativos aos movimentos sociais, e em especial, ao agrupamento HIJOS, em uma dupla tarefa de defesa da memória e da justiça por crimes passados cometidos pelo Estado, mas atuando em constante negociação com a realidade presente.

Ao longo de sua história o grupo HIJOS foi passando por transformações em sua

configuração⁴, mas sempre se notabilizando pelo seu caráter de assembleia e estrutura horizontal, marca registrada do grupo, encontrada em praticamente todos os informes das seções “quem somos nós” dos websites. Alonso (2010) reflete que o agrupamento HIJOS além das reivindicações por justiça e penalização aos responsáveis pelas violações de direitos humanos, buscou conjugar uma ação política e social voltada também para a atualidade, configurando-os como representantes de um novo sujeito político na cena pública de seus países. Desta forma, as ações dos agrupamentos HIJOS estão direcionadas para apontar as continuidades e consequências sociais das ditaduras; e as mudanças reais nos cenários atuais (como observadas na Classe 1 - *Dimensão Pública da Causa*), assim como delinear os impactos pessoais que o terrorismo de Estado trouxe à vida dos envolvidos (como salientado na Classe 2).

As classes 1 e 2, embora destaquem as dimensões públicas e privadas da luta pela memória e pela justiça, reúnem também as estratégias identitárias dos sujeitos em um movimento de integração e diferenciação.

Assim, na Classe 2, ainda que as memórias pessoais sejam o elemento de suporte à partir do qual outros elementos factuais são associados, notamos que diferentes extratos de texto de distintos países possuem aspectos semelhantes, sinalizando a presença de memórias comuns, pertencentes à pessoas que foram expostas ou tiveram acesso aos fatos acontecidos, ainda que as mesmas não tenham tido qualquer tipo de contato. Tais memórias se propõem a enriquecer e sustentar a atuação do grupo na esfera pública na busca por verdade e justiça.

Os relatos da Classe 1 apresentam de forma bastante coesa a atuação pública do grupo HIJOS/Peru no que tange às violações aos direitos humanos. A classe apresenta pautas para além das questões relacionadas ao desaparecimento ou assassinato de opositores da ditadura de Fujimori. Vê-se demandas atuais de outros grupos afetados pela violência/negligência do Estado, chamando atenção, sobretudo, a questão indígena, que é crucial para dinâmica identitária daquele país “*actualmente existen serios cuestionamientos a la ampliación del proyecto de gas . . . en la reserva territorial Kugapakori, Nahua, Nanti por amenazar la*

⁴ Conforme apontam Raina (2012), Alonso (2010) e Cueto Rúa (2008) desde sua fundação, o agrupamento HIJOS foi cercado por tensões políticas, debates sobre quem poderia requerer a participação no grupo, ocasionando a desmobilização de alguns integrantes e rupturas: “*algunas regionales desembocaron en una ruptura en Capital Federal y La Plata – las más importantes por su envergadura y trascendencia político-social. . . . La ruptura se expresó en la formación de una agrupación más cercana a la izquierda marxista tradicional, vinculada con Madres de Plaza de Mayo – línea de Hebe de Bonafini e identificada como HIJOS (“sin puntitos”) que compite por el reconocimiento social y político con H.I.J.O.S. (“con puntitos”). . . . La confusión entre ambos grupos es particularmente visible en las páginas de la Internet o en los registros periodísticos de sus actividades, pero en la práctica sólo la agrupación original mantuvo una red nacional en funcionamiento, asociada a Madres de Plaza de Mayo – Línea Fundadora (Alonso, 2010, p.123).*

supervivencia física y cultural de los pueblos indígenas en aislamiento voluntario que allí habitan” (HIJOS/Peru).

Tal dinâmica de negociação entre elementos atuais e passados marca os fenômenos de memória social, pois como afirma Sá (2007) “o que é lembrado do passado está sempre mesclado com aquilo que se sabe sobre ele” (p. 291). Assim, pode-se entender o lema principal do agrupamento HIJOS – *No olvidamos, no perdonamos, no nos reconciliamos* – dentro desse jogo da (re)atualização da memória, em que elementos do passado estão vivos no cotidiano dos sujeitos, gerando ações e posicionamentos específicos.

Na Classe 3 – *Dinâmicas paraguaias* os elementos encontrados relacionam-se majoritariamente ao HIJOS/Paraguai. A imagem do grupo é positivada a partir da evocação de uma memória comum do agrupamento, na qual estão incluídas as realizações, encontros e causas daquele coletivo. No caso dos relatos bibliográficos, as histórias de violações referentes à infância, como o sequestro de crianças, são os mais frequentes. Delata-se, portanto, uma das principais estratégias das forças armadas paraguaias, em parceria com outros organismos durante a Operação Cóndor *El 16 de Septiembre [. . .] se debatió el accionar represivo de la Dictadura Argentina en conjunto con la Dictadura Cívico-Militar de Alfredo Stroessner Matiauda que asoló nuestro pueblo entre 1954 y 1989; en el marco de la denominada "Operación Cóndor"*. (HIJOS/Paraguai). Neste ponto, notamos que ocorre uma aproximação entre os agrupamentos HIJOS dos diversos países, que sofreram conjuntamente as consequências da operação.

A dinâmica identitária expressa nos relatos na Classe 3 marca a necessidade do HIJOS/Paraguai diferenciar-se enquanto organização, sendo constantes elementos referentes à valorização do seu próprio grupo (Tajfel, 1983), como a citação sempre presente “*dictadura stronista*” e da menção ao grupo HIJOS/Paraguai enquanto organismo de direitos humanos autônomo. Em alguns textos o coletivo paraguaio referencia a Argentina como parceira na tentativa de intermediar as medidas austeras tomadas pelo Governo paraguaio

Desde H.I.J.O.S Paraguay en 2013 realizó un pedido judicial a la Justicia Argentina para que se expida de inmediato sobre las propiedades y tierras robadas a decenas de víctimas de la dictadura stronista, demorado por los tiempos de la Juzgado que entiende en la causa.
(Hijos/Paraguai)

Em algumas publicações são mencionados os paraguaios que estavam na Argentina no momento de prisão ou desaparecimento, fazendo-se assim, referências diretas à Operação Cóndor. Parece haver uma dinâmica identitária que aproxima os sujeitos do grupo com outros latino-americanos, mas que se destaca em relação aos argentinos, seja como ponto de

proximidade ou de diferenciação. Há ainda aspectos mais amplos desses vínculos de irmandade latino-americana devido às ações que atingiram amplamente o grupo, tais como a Operação Condor e a perseguição a militância ocorrida em mais de um país.

No caso da Classe 4 - *Dinâmicas argentinas*, o contexto daquele país é evocado, demonstrando, assim, a importância da experiência precursora dos grupos organizados argentinos, bem como da agenda atual de políticas de memórias, verdade, reparação e justiça. O discurso encontrado nessa classe traz aspectos relacionados ao fomento dado pelo governo nacional argentino na busca pela reconstituição da memória, pela verdade e a necessidade de justiça, figurando, desta maneira, como um exemplo a ser seguido pelos outros países latino-americanos, seja no discurso do agrupamento do país, “*Argentina da ejemplo ante el mundo de una política de Estado para terminar con la impunidad y desarrollar los juicios históricos a genocidas por delitos de lesa humanidad desde hace 8 años*” (HIJOS/Argentina); seja na perspectiva de grupos externos: *Mañana en Buenos Aires inicia el Segundo Tramo de la Mega Causa que investiga los delitos de Lesa Humanidad (...) Alegría porque la Justicia Universal, en particular en la Argentina, llega*. (HIJOS/Paraguai).

O governo nacional da Argentina aparece desta maneira como instância combativa e asseguradora das políticas de reparação e punição. Além disso, a experiência galgada em seu processo justiça e reparação, também serve como um celeiro de organismos sociais, grupos de direitos humanos e até mesmo profissionais aptos a colaborarem com os processos judiciais em outros países latino-americanos. Como podemos observar nos textos publicados pelo HIJOS/Guatemala “... *más aún cuando se ha insistido en el apoyo de peritajes externos a los de la PGR, como el Equipo Argentino de Antropología Forense y el equipo de expertos de la Comisión Interamericana de Derechos Humanos*”; e também presentes nos websites do HIJOS/Uruguai:

Sara Méndez tenía un nombre falso. La secuestraron el 13 de julio de 1976 ... en un operativo en el que le sacaron a su hijo. Recuperó a Simón en 2002, después de la búsqueda de las Abuelas de Plaza de Mayo. Sara, que es uruguaya, fue llevada al centro clandestino Automotores Orletti, durante una operación conjunta del denominado Plan Cóndor. (HIJOS/Uruguai)

Deste modo, a Argentina é considerada uma referência na América Latina, “em razão do processo de julgamento das violações de direitos humanos cometidas durante a ditadura e da participação ativa de vítimas, familiares e organismos de direitos humanos na luta por verdade, justiça e na promoção da memória” (Duque & Carvalho, 2016, p.17), servindo como espelho para balizar as ações dos outros países que compõe a Rede HIJOS.

Ainda que a identificação de memórias comuns, sobretudo no que se refere às classes 1 e 2, possa sugerir uma forte homogeneidade do *corpus*, cabe situar que as dinâmicas

identitárias tencionam o processo de diferenciação entre os agrupamentos de países diversos ou ainda os localizados no mesmo país. Visto que as memórias possuem “como esteio um grupo ao qual elas se relacionam” (Nascimento, 2004, p. 26), as memórias são um dos principais elementos constituintes do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva, pois proporcionam a noção continuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (Pollak, 1992). Assim, a negociação entre as lembranças do sujeito ou grupo, e as dos outros grupos está na base do processo rememoração. Conforme sinaliza Halbwachs (1990)

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. Não é suficiente reconstruir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele, e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade (p.34).

Nesse sentido, a Classe 3 – *Dinâmicas paraguaias* e Classe 4 – *Dinâmicas argentinas*, refletem o jogo identitário coletivo entre movimentos de dois países. Por um lado, ressalta-se a coesão interna do grupo ao mesmo tempo em que salientam-se as diferenças, no sentido de complementaridade.

Assim, ainda que o agrupamento HIJOS apresente uma rede internacional, a experiência do grupamento argentino parece servir de principal referência para os demais países. O aspecto fundador de suas práticas, assim como o aprofundamento e desenvolvimento, ao longo dos anos, das demandas por verdade e justiça e à preservação da memória, marcam os diferentes processos experimentados de distintas maneiras nos países latino-americanos. Dessa forma, sua consolidação e reconhecimento na Argentina, bem como, sua organização e representação política, acabam por balizar os caminhos da atuação dos demais.

A oposição entre o conjunto 1 e 2 e o conjunto 3 e 4 parece explicar-se pela força que as dinâmicas pessoal, grupal e coletiva exercem sobre o agrupamento HIJOS. A organização do dendrograma parece revelar cada uma dessas instâncias: Classe 1 (pública/política), Classe 2 (privada/pessoal), Classes 3 e 4 (grupal). A construção de memória do grupo parece se desenvolver nesse embate entre as esferas, ora fortalecendo-se na atuação pública, ora construindo um saber sobre si e sobre o outro, a partir das lembranças pessoais. Cabe salientar que a apreensão dessas dinâmicas sociais somente foi possível devido a visibilidade proporcionada pelos espaços virtuais a difusão dessas construções grupais, e nesse sentido, o

ciberespaço em sua magnitude de conteúdos e movimentos de atualização surgem como cenário efervescente de relações sociais. Ainda que fuja aos objetivos desse trabalho dimensionar o impacto das novas tecnologias como promotoras da memória social do grupo HIJOS, podemos concluir que este espaço vem sendo constantemente alimentado e apropriado pelo agrupamento como uma extensão de suas produções e ações na sociedade.

Sendo os websites extensão e reflexo daquilo que é produzido no mundo *offline*, este trabalho prezou por conhecer as memórias produzidas pelos diferentes grupos de filhos de militantes que se organizam sobre a sigla HIJOS em uma rede internacional latino-americana. Tal intento foi centrado nos conteúdos que as próprias organizações veicularam na rede mundial de computadores, ou seja, o objetivo do trabalho foi conhecer os organismos desde uma “perspectiva externa” através da análise de material textual que os grupos escolheram “mostrar ao mundo”.

O viés empregado nessa pesquisa levantou assim, uma importante discussão a respeito da seletividade da memória no ciberespaço, visto que os conteúdos publicados pela Rede Internacional HIJOS acatam apenas uma versão da memória histórica sobre os períodos ditatoriais. Como sugere Ribeiro (2005) “a memória é sempre seletiva, o que não é diferente com as novas tecnologias da informação; . . . [a memória] é marcada pela heterogeneidade e diversificação nas seleções, mediadas pelas mais diferentes naturezas” (p. 4).

Assim, os documentos encontrados nos websites HIJOS são necessariamente balizados pelos interesses e perspectivas do grupo, uma vez que “a memória virtualizada não deve ser entendida como neutra, ou que não possua intencionalidade por quem a produziu [a memória no virtual é a] representação pela qual o grupo se quer fazer reconhecer” (Rios, 2007, p. 8).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho nosso enfoque recaiu sobre as publicações textuais como suporte para a memória social no ciberespaço, cabe salientar que não desprezamos as inúmeras outras formas de mobilização de que dispõe o agrupamento HIJOS, tais como, as ações públicas do grupo e o contato pessoal entre seus membros, compondo, portanto, um recorte das comunicações produzidas. Assim, esse trabalho não encerra as possibilidades analíticas que podem, sem dúvida, revelar novas nuances do fenômeno.

Foi possível compreender o processo pelo qual a publicação de narrativas pessoais – compartilhadas como vivências coletivas do agrupamento – em suporte documental no espaço

virtual, leva a uma mobilização, que coloca o grupo em movimento na construção de novos saberes sobre o passado, como também em ações que modificam sua realidade atual. Se para Sá (2013) o estudo da memória coletiva dedica-se a compreensão de elaborações simbólicas e práticas nascidas da interação entre os membros do grupo social, os websites HIJOS parecem revelar-se meio profícuo para a construção de tais memórias.

Além de fornecerem elementos diferenciados para a construção de uma memória histórica sobre os regimes ditatoriais na América Latina, os textos divulgados revelam a arena de “*conflictos y consensos entre los distintos sectores de la sociedad; campo en el que se [constituye] un relato coherente, donde imaginación, acontecimientos y olvidos se entrecruzan, teniendo más en cuenta las necesidades del presente que la fidelidad del pasado*” (Souroujon, 2011, p.253). Sendo assim, trata-se, da construção de uma versão para a história, que enquanto memória funciona como suporte de processos identitários (Pollak, 1992).

É importante ressaltar também que as plataformas virtuais criadas e alimentadas por esses grupos representam ricas fontes para apreensão das dinâmicas identitárias vivenciadas por seus membros, principalmente no que se refere às regras de composição do grupo, às agendas político-sociais de luta e ao engajamento com as causas locais. A própria contraposição HIJOS/Argentina *versus* HIJOS/Paraguai encontrada nesse trabalho figura como um indício de que a cada país-membro da rede HIJOS necessita ser pesquisada enquanto grupo social com uma história de constituição distinta, com diferentes filiações e objetivos.

A partir da análise dos textos divulgados em cada plataforma virtual, foi possível notar a emergência da própria identidade de ser *Hijo* como sentido de pertencimento grupal através da qual estão ancoradas as estratégias tanto de aproximação com a rede internacional HIJOS quanto com a especificação das particularidades de cada agrupamento. Assim, as memórias pessoais encontradas nas publicações dos diferentes grupos HIJOS são alçadas ao status de memórias coletivas no íntimo de cada agrupamento, uma vez que há negociações, concessões e impedimentos entre aquilo que deve ou não ser divulgado em seus websites. Na totalidade do corpus podemos notar a emergência de uma memória histórica na rede internacional HIJOS sobre as ditaduras e as violações de direitos humanos na América Latina.

Ainda que o Brasil não integre essa rede internacional articulada em torno da sigla H.I.J.O.S., em dezembro de 2014, em uma atividade da Comissão da Verdade do Rio de Janeiro, foi criado o Grupo Filhos e Netos por Memória, Verdade e Justiça, pensado a partir do acompanhamento psicológico oferecido pelo projeto “Clínicas do Testemunho” da

Comissão da Anistia do Ministério da Justiça. A criação do grupo brasileiro⁵, aos moldes dos agrupamentos HIJOS, assim como a veiculação na rede social Facebook dos conteúdos por eles produzidos, proporciona o enriquecimento do processo de elaboração da memória da ditadura militar no Brasil, principalmente no que se refere às segundas e terceiras gerações de atingidos. Dessa forma, esperamos que em um futuro próximo, a análise das memórias de filhos de militantes que sofreram as sevícias das diferentes ditaduras na América Latina possam abarcar elementos brasileiros, ainda que por hora, este trabalho não possa elucidar tais construções. **REFERÊNCIAS**

Almeida, H. M. T. & Weis, A. (1997). Carro-Zero e Pau-de-Arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In L. M. Schwarcz (Org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea* (Vol. 4) (pp. 320-408). São Paulo: Companhia das Letras.

Alonso, L. (2006) La crisis del movimiento por los derechos humanos en la restauración republicana argentina: Un enfoque situado. *Anuario de la Escuela de Historia – Facultad de Humanidades y Artes*. UNR Rosario. (21).

Alonso, L. (2010). *Defensa de los derechos humanos y cultura política: entre Argentina y Madrid, 1975-2005*. Tese de Doutorado, Universidad Internacional de Andalucía Santa María de La Rábida / Sevilla. Recuperado em 07 de junho de 2015 de <<http://dspace.unia.es/handle/10334/187>>

Agrupación de Familiares de Detenidos Desaparecidos (1997). *20 años de historia de la de Chile: Un Camino de Imágenes que Revelan y Se Rebelan Contra una Historia No Contada*. Santiago, Chile: Corporación Agrupación de Familiares de Detenidos Desaparecidos

Araújo, R. F. (2011). Tecnologia Social da Memória: (Des)Caminhos do Movimento Afro-Alagoano no Ciberespaço. In Anais da Conference on Technology, Culture, and Memory – CTCM, Recife: Anais da Conference on Technology, Culture, and Memory – CTCM. Recuperado em 28 de julho de 2014 de http://www.liber.ufpe.br/ctcm/anais/anais_ctcm/22_tecn_of_memory

⁵ A notícia sobre a criação oficial do grupo pode ser acessada na Agência Brasil <http://agenciabrasil.etc.com.br/direitos-humanos/noticia/2014-12/filhos-e-netos-de-perseguidos-politicos-debatem-violencia-do-regime>. O endereço eletrônico na rede social Facebook é <https://www.facebook.com/groups/hijosbrasil/?fref=ts>

- Asociación de Familiares de Detenidos Desaparecidos y Mártires por la Libertación Nacional (2007). *Informe sobre las desapariciones Forzadas en Bolivia*. La Paz: Garza Azul.
- Bauer, M. (2008). Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In M. Bauer & G. Gaskell (Orgs.) *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp.189-217). Petrópolis: Vozes.
- Borland, E. (2006). Las madres de plaza de mayo en la era neoliberal: ampliando objetivos para unir el pasado, el presente y el futuro. *Colombia Internacional*, (63), 128-147. Recuperado em 21 de abril de 2016 de <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-56122006000100007&lng=en&tlng=es>.
- Catela, L. S. (1999). *Hijos de desaparecidos, hilo de memoria para el futuro*. Rio de Janeiro: PPGS-IFCS-UFRJ.
- Ceia, E. M. (2013). A jurisprudência da Corte Interamericana de Direitos Humanos e o desenvolvimento da proteção de Direitos Humanos no Brasil. *R. EMERJ*, 16(61), pp. 113-152.
- Comblin, J. (1978). *A ideologia da Segurança Nacional: O poder militar na América Latina*. (2a. ed.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Cueto Rúa, S. (2008). *Nacimos en su lucha, viven en la nuestra Identidad, justicia y memoria en la agrupación HIJOS-La Plata*. Tese de Doutorado, Universidad Nacional de La Plata Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Recuperado em 06 de junho de 2015 de <<http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/tesis/te.426/te.426.pdf>>
- Cueto Rúa, S. (2010). Nacimos en su lucha, viven en la nuestra. Identidad, justicia y memoria en la agrupación HIJOS-La Plata. Resenha de Tese, *Revista Aletheia*, 1(1), 1-11. Recuperado em 06 de junho de 2015 de <<http://www.aletheia.fahce.unlp.edu.ar/numeros/numero-1/santiago-cueto-rua.-201cnacimos-en-su-lucha-viven-en-la-nuestra201d.-identidad-justicia-y-memoria-en-la-agrupacion-hijos-la-plata>>
- Deschamps, J. C. & Moliner, P. (2009). *A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais*. Petrópolis: Vozes.

- Dodebei, V., & Gouveia, I. (2008). Memória do futuro no ciberespaço: entre lembrar e esquecer. *Revista de Ciência da Informação*, 9(5), 1-13. Recuperado em 28 de julho de 2014 de http://www.dgz.org.br/out08/Art_02.htm.
- Dorfman, A. & Cardin, E. G. (2014). Estratégias espaciais do ativismo em condição fronteiriça no Cone Sul. *Cuadernos de Geografía - Revista Colombiana de Geografía*, 23(2), 31-44. Recuperado em 13 de maio de 2015 de <<http://www.scielo.org.co/pdf/rcdg/v23n2/v23n2a03.pdf>>
- Duque, A. P. D. V., Carvalho, C. P. (2016). Argentina: panorama da justiça de transição em 2015. In C. P. Carvalho, J. O. N. Guimarães, M. P. Guerra (Orgs.). *Justicia de transición en América Latina: panorama 2015*. Brasília: Ministério da Justiça, Comissão de Anistia, Rede Latino-Americana de Justiça de Transição (RLAJT).
- Halbwachs, M. (1950/1990). *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice.
- Jelin, E. (2007). Víctimas, familiares y ciudadanos/as: las luchas por la legitimidad de la palabra. *Cadernos Pagu*, Vol. 29.
- Jodelet, D. (2012). Conflits entre historie mémorielle et historie historique. *Psicologia e Saber Social*, 1(2), 151-162. Recuperado em 13 de maio de 2015 de <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/view/4896/3619>>
- Klaiber, J. (1998). *The Church, Dictatorships and Democracy in Latin America*. New York: Orbis Books. Acesso em: <https://books.google.com.br/books?id=rEIMAwAAQBAJ&lpg=PA6&ots=05eoNzgWpg&dq=The%20Church%2C%20Dictatorships%20and%20Democracy%20in%20Latin%20America.&hl=nl&pg=PA1#v=onepage&q=The%20Church,%20Dictatorships%20and%20Democracy%20in%20Latin%20America.&f=false>
- Kronberguer, N. & Wagner, W. (2008). Palavras-chave em contexto: análise estatística de textos. In M. Bauer & G. Gaskell (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp.416-441). Petrópolis: Vozes.
- Lemos, A. (2007). Ciberespaço e Tecnologias Móveis: processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura. in Médola, Ana Silvia; Araújo, Denise; Bruno, Fernanda. (orgs), *Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática*, Porto Alegre, Editora Sulina, pp. 277-293., ISBN: 978-85-205-0464-2.
- Lemos, A. (2013). Espaço, mídia locativa e teoria ator-rede. *Galaxia* (São Paulo, Online), n. 25, p. 52-65.

- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. (Carlos Irineu da Costa Trad.). São Paulo: Editora 34.
- Lowenthal, D. (1998). Como conhecemos o passado. *Projeto História*, v. 17, 28-46.
- Monteiro, S., Carelli, A., & Pickler, M. E. (2006). Representação e memória no ciberespaço. *Ci. Inf, Brasília*, 35(3), 115-123. Recuperado em 27 de julho de 2014 de <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n3/v35n3a11.pdf>>
- Monteiro, S., Carelli, A., & Pickler, M. E. (2008). A Ciência da Informação, Memória e Esquecimento. *Revista de Ciência da Informação*, 9(6), 1-18. Recuperado em 28 de julho de 2014 de <http://www.datagramazero.org.br/dez08/Art_02.htm>
- Nascimento, A.R.A. (2004). Memória dos Verdes Anos: saudade da infância na música popular brasileira – uma investigação e uma proposta de análise de dados. Tese (Doutorado em Psicologia) Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 179 f.
- Nora, P. (1993). Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, v. 10, 7-21.
- Novato, M. & Paletto, V. (2007). *A ditadura militar argentina 1976-1983: do golpe de Estado à restauração da democracia* (A. M. Silva, trad.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Olivier, D. (2003). *América Latina no século XX* (M. I. Mallmann, trad.). Porto Alegre: EDPUCRS.
- Ovando Santana, C. (2012). La seguridad internacional en la proyección de Chile hacia el cono sur: ¿desde la doctrina de la seguridad nacional hacia la construcción de comunidades de seguridad o la emergencia de la securitización?. *Revista de Relaciones Internacionales, Estrategia y Seguridad*, 7(2), Recuperado em 13 de maio de 2015 de <http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1909-30632012000200009&script=sci_arttext>
- Pa, A. (2008). Los “archivos del horror” del Paraguay: los papeles que resignificaron la memoria del stronismo. In C. Fico, M. Ferreira, M. Araujo & S. Quadrat (Orgs.). *Ditadura e democracia na América Latina* (pp. 27-50). Rio de Janeiro: FGV.

- Padrós, E. S. (2009). A Operação Condor e a conexão repressiva no Cone Sul: a luta pela verdade e pela justiça. *Revista Organon*, 23(47), 15-35. Recuperado em 13 de maio de 2013 de
- Penna Filho, P. (2009). O Itamaraty nos anos de chumbo: o Centro de Informações do Exterior (CIEEX) e a repressão no Cone Sul (1966-1979). *Revista Brasileira de Política Internacional*, 52(2), 43-62.
- Pinto Luna, C. C. (2013). *Los hijos de los exiliados vuelven a Chile: Dilemas y desafíos para la integración memoria e identidad [en línea]*. Tese de Doutorado, Universidad Nacional de La Plata, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Recuperado em 13 de maio de 2015 de <<http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/tesis/te.883/te.883.pdf>>
- Piovesan, F. (2012). Direitos Humanos e diálogos entre jurisdições. *Revista Brasileira de Direito Constitucional*. RBDC, 19.
- Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento e silêncio (D. R. Flaksman, Trad.). *Estudos Históricos*, 2(3), 3-15.
- Pollak, M. (1992). Memória e identidade social. (M. Augras Trad.). *Revista Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, p.200-212.
- Raina, A. (2012). Memorias e identidades al interior del grupo de familiares afectados por la última dictadura militar argentina. El caso de hijos de detenidos-desaparecidos en Santa Fe. *Revista Aletheia*, 2(4), pp. 1-13.
- Ribeiro, R. D. P. (2005). Cultura histórica e as novas tecnologias da informação. Algumas reflexões acerca da Memória. In Simpósio Nacional de História. *Anais online do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz*. Londrina: ANPUH. PP 1-8.
- Rios, D. F. (2007). Lugares de memória e o ciberespaço. In III Encontro Estadual de História. *Anais online do III Encontro Estadual de História*. Caetité: UNEB p. 1-9.
- Sá, C. P. (2007). Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(2), 290-295.
- Sá, C. P. (2009). A memória histórica numa perspectiva psicossocial, *Morpheus*, 14, 91-100.

- Sá, C. P. (2013). A psicologia social da memória: uma sistematização teórico-conceitual. In C. P. Sá, P. R. Menandro, L. A. M. Naiff (Orgs.). *Psicologia Social e o Estudo da Memória Histórica: o Caso dos Anos Dourados no Brasil* (pp.13-26). Curitiba: Appris.
- Sá, C. P. (2015). Between history and memory: the psychosocial study of historical memories. *Cadernos de Pesquisa*, 45(156), 260-274. Epub 00 de abril de 2015. <https://dx.doi.org/10.1590/198053143133>
- Souroujon, G. (2011). Reflexiones en torno a la relación entre memoria, identidad e imaginación. *Andamios Revista de Investigación Social*, 8(17), 233-257. Recuperado en 13 de maio de 2015, de <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-00632011000300011&lng=es&tlng=es>
- Souza, L. & Menandro, P. R. M. (2007). Pesquisa documental em psicologia: a máquina do tempo. In M. M. P. Rodrigues & P. R. M. Menandro (Orgs.). *Lógicas Metodológicas: trajetórias de pesquisa em psicologia*. (pp. 151-174). Vitória: UFES – Programa de Pós-Graduação em Psicologia / GM Gráfica Editora.
- Stephan, C. (2015). A Ideologia da Bipolaridade: a Introdução da Doutrina de Segurança Nacional DSN e as Implicações para a Democracia no Brasil. In: I Seminário Internacional de Ciência Política: Estado e Democracia em Mudança no Século XXI, 2015, Porto Alegre, RS. I Seminário Internacional de Ciência Política: Estado e Democracia em Mudança no Século XXI. Porto Alegre, RS: UFRGS.
- Tajfel, H. (1983). *Grupos humanos e categorias sociais*. (Lígia Amâncio, trad., Vol. II, Coleção Horizonte de Psicologia). Lisboa: Livros Horizonte.
- Teles, J. A. (2010). Os familiares de mortos e desaparecidos políticos e a luta por verdade e justiça no Brasil. In: E. Teles & V. Safatle (Orgs.). *O que resta da ditadura: a exceção brasileira* (pp. 299-318). São Paulo: Boitempo.
- Wolff, C., & Silva, T. (2013). Movidas pelo afeto: três mulheres na resistência à ditadura no Brasil, Paraguai e Bolívia (1954-1989). *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, 10(1), 190-21.

3 ARTIGO II

“Nosotros H.I.J.O.S.”: dinâmicas identitárias a partir de publicações no ciberespaço

RESUMO

Este estudo teve por objetivo investigar as dinâmicas identitárias dos grupos Hijos/Argentina e Hijos/Paraguai, organizações de direitos humanos associadas a rede internacional H.I.J.O.S – Por la Identidad y la Justicia Contra el Olvido y El Silencio. Os dados foram coletados a partir de secções de publicações das suas páginas web e separados em dois *corpora*. As análises foram realizadas de forma independente com o suporte do *software* ALCESTE PLUS. A partir do procedimento de classificação hierárquica descendente foram encontrados três classes para o conjunto textual argentino e quatro classes para o conjunto paraguaio. Na totalidade dos dados, foi possível observar que ambos os grupos buscam valorizar-se e diferenciar-se dos demais organismos de Direitos Humanos relacionados à temática das ditaduras na América do Sul, utilizando do ciberespaço como um lócus de reconhecimento e legitimidade.

Palavras-chave: Identidade social; ditaduras; ciberespaço; H.I.J.O.S.

“Nosotros H.I.J.O.S.”: identity dynamics on publications in cyberspace

ABSTRACT

The objective of this research is to investigate the identity dynamics of Hijos group Argentina and Hijos group Paraguay, two human rights organizations associated with H.I.J.O.S – Por la Identidad y la Justicia Contra el Olvido y El Silencio. Within this research, data has been collected from online publications from both organizations, and reviewed within two independent articles using ALCESTE PLUS software. Using the method of Descending Hierarchical Classification, three classes were found throughout the Argentine text and four classes in the Paraguayan content. On the basis of all data, it was possible to observe that both groups seek to be valued and differentiate themselves from other Human Rights bodies related to the theme of dictatorships in South America, using the cyberspace as a locus of recognition and legitimacy.

Keywords: Social identity; Dictatorships; Cyberspace; H.I.J.O.S.

“Nosotros H.I.J.O.S.”: dinámicas identitarias a partir de publicaciones en el ciberespacio

RESUMEN

El objetivo de este estudio fue investigar las dinámicas identitarias de los grupos Hijos/Argentina e Hijos/Paraguay, organismos de derechos humanos asociados en la Red H.I.J.O.S – Por la Identidad y la Justicia Contra el Olvido y El Silencio. Los datos fueron recolectados a partir de secciones de publicaciones de sus páginas web, posteriormente fueron separados en dos *corpora*. Los análisis se llevaron a cabo de forma independiente con el software ALCESTE PLUS de soporte. A partir del procedimiento de clasificación jerárquico descendente se encontraron tres clases para el conjunto textual argentina y cuatro clases para el conjunto paraguayo. En todos los dos conjuntos de datos se observó que ambos grupos tratan de valorar y diferenciarse de otros organismos de derechos humanos relacionados con el tema de las dictaduras en América del Sur, utilizando el ciberespacio como un lugar de reconocimiento y legitimidad.

Palabras clave: Identidad social; Dictaduras; Ciberespacio; H.I.J.O.S.

A repressão estatal ao ativismo revolucionário da juventude, e o embate entre forças políticas em meados dos anos de 1960 e 1970, geraram um ciclo de violentas ditaduras na América do Sul: primeiro no Brasil (1964), logo após no Uruguai (1973), Chile (1973), e finalmente, na Argentina (1976), somando-se ao precursor Alfredo Stroessner Matiauda, que em 1954 havia tomado o poder à força no Paraguai (Jelin, 2010).

Em relação ao cenário paraguaio, Nickson (2010) afirma que a ditadura perpetrada por Stroessner compartilhou semelhanças ideológicas com o regimes implementados em Argentina, Brasil, Chile e Uruguai, classificados por ele como “burocráticos-autoritários” (p. 289). Todavia, para o autor, o regime paraguaio teve quatro grandes diferenças em relação aos demais: 1) a imagem do governo esteve mais fortemente personalizada e centralizada na figura de Stroessner do que nos militares enquanto instituição; 2) as Forças Armadas foram claramente identificadas com o Partido Colorado (presidido pelo próprio Stroessner); 3) o Partido Colorado se transformou em um dos pilares do regime ao ter influência em vários extratos da sociedade paraguaia, chegando a controlar a oposição política e as organizações sociais através da ameaça e uso da violência; 4) enquanto as outras ditaduras reconheceram perante a comunidade internacional o seu caráter de “regimes de exceção” (p. 290), Stroessner sempre manteve a fachada de democracia para dar ao seu golpe uma áurea de legitimidade.

Por outro lado, Gutiérrez Contreras e Villegas Díaz (1998) compreendem que todos os governos ditatoriais latino-americanos tiveram em comum:

[la] incapacidad política para dotarse de bases de legitimidad que les permitiera crear una forma de Estado diferente de la democracia política. . . . violaciones reiteradas y persistentes a los derechos humanos . . . teñidas con el carácter ideológico que imponía la eliminación de toda disidencia política. . . .[así como] una marcada cooperación a nivel internacional en el control y en la eliminación de la disidencia política, cuyo blanco principal era la izquierda política, en especial los Partidos Comunistas y Socialistas, amén de los focos guerrilleros (p. 20).

Apesar de guardarem particularidades de cada contexto social, esses governos também compartilham aquilo que Pádrós (2008, 2009) caracterizou como Ditadura de Segurança Nacional. Para o autor, esta teria como aspectos gerais a organização em torno de uma Doutrina de Segurança Nacional (DSN) objetivando a contenção da “investida comunista” ao sul do continente, o alinhamento ideológico junto aos Estados Unidos e a defesa dos cânones do capitalismo nas relações econômicas (Pádrós, 2009). Como resultado da aplicação da

DSN, tiveram em comum a violação dos direitos humanos e dos direitos políticos de seus cidadãos como práticas sistemáticas (Nickson, 2010).

Além da partilharem o uso da violência como prática repressiva, em 1975 foi estabelecida, pelos principais representantes dos serviços de inteligência desses países (com o acréscimo da Bolívia e interferência dos Estados Unidos), a Operação Condor (Dinges, 2005). O intuito da cooperação entre os países foi coordenar as ações de combate anti-comunistas na região a partir do intercâmbio de informações sobre a "subversão" e os "subversivos", além de promover a realização de ações conjuntas e a oferta de treinamento militar especializado (Dinges, 2005; Quadrat, 2003). Assim, no bojo das atividades da operação foi executado o plano sistemático de "*detenciones ilegales seguidas de secuestros prolongados, que derivaron en desapariciones forzadas de personas o en asesinatos, precedidos de torturas. . . . Estas acciones afectaron a ciudadanos de Argentina, España, Reino Unido, Estados Unidos, Chile, Suiza y Francia, entre otros*" (Gutiérrez Contreras & Villegas Díaz, 1998, p. 20).

A instauração da violência estatal desmedida, chegando a cruzar fronteiras, assim como a repressão ilegal, acabaram por voltar os olhos do mundo à região, visto que cada vez mais, o número de exilados latino-americanos aumentava, da mesma forma que as denúncias de crimes de tortura e assassinato por razões políticas (Jelin, 2010). Nesse sentido, é importante mencionar que tal como as ditaduras orquestram redes de integração com o intuito de consolidar a repressão na região, as entidades de direitos humanos, associações de familiares de desaparecidos, associações sindicais, organizações políticas (legais ou clandestinas), grupos religiosos, organismos internacionais e indivíduos agindo por conta própria também se articularam para denunciar os crimes perpetrados pelas ditaduras da região. Esses grupos se empenharam na retirada de militantes perseguidos e criaram verdadeiras redes de solidariedade àqueles que foram atingidos pelas ditaduras (Padrós & Vivar, 2013; Fraga, 2012).

Nesse contexto são criadas as primeiras organizações de direitos humanos por familiares de perseguidos pelas ditaduras na América do Sul. No Paraguai, em 1967, é criada *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos*. Com fortes vínculos com a igreja católica, a organização tinha em seu escopo a luta pela liberdade de presos políticos e exilados, além de prestar auxílio aos atingidos pela regime de Stroessner (Wolff & Silva, 2013). Em 1976, a organização de *Familiares de Detenidos y Desaparecidos por Razones Políticas* é uma das primeiras a se organizar na Argentina. No ano posterior, dá-se o início aos primeiros encontros daquelas que mais tarde se tornariam o emblema do movimento de direitos humanos organizados por familiares de presos políticos, as *Madres de Plaza de Mayo*. Em

novembro do mesmo ano foi criada a *Asociación de Abuelas de Plaza de Mayo* como uma ramificação das *Madres*, cuja especificidade se centrava na restituição dos filhos dos militantes desaparecidos no porões da repressão (Jelin, 2007).

É a partir dos golpes militares na América do Sul que as organizações de direitos humanos se firmaram como atores significativos no protesto contra a repressão e os crimes cometidos pelos governos ditatoriais, sobretudo, àqueles protagonizados pelos familiares. Para Abregú (2008), a articulação em defesa dos direitos humanos foi imprescindível para os processos de consolidação de regimes mais democráticos na América do sul, visto que as demandas desses grupos constituíram um dos eixos em torno do qual giraram as transições pós-ditatoriais¹. Cabe ressaltar que a centralidade do conteúdo humanitário das denúncias foi essencial para a consolidação da legitimidade pública que esses organismos alcançaram. Cueto Rúa (2008) salienta que as organizações humanitárias instalaram publicamente um modo de interpretar as ações dos governos ditatoriais que se distanciava radicalmente do fundamento de “guerra interna” propagandeado pela DSN. Essas organizações rejeitaram completamente a leitura das ações repressivas enquanto “atos de guerra”, priorizando o caráter humano dos presos e desaparecidos políticos, caracterizando as ações do Estado enquanto crimes de lesa-humanidade (Cueto Rúa, 2008)

O protagonismo das organizações formadas por vítimas das ditaduras e seus familiares acabou por demarcar o tom das reivindicações dos processos de redemocratização nesses países. A mobilização jurídica em escalas nacional e transnacional tem sido deste então um elemento importante para o trabalho de memória e de justiça em diversos países da América Latina, cuja principal força motriz se encontra na mobilização de ex-presos políticos e grupos de familiares de perseguidos, mortos e desaparecidos por razões políticas (Teles, 2005).

Identidade e Ciberespaço

No ambiente comunicacional do ciberespaço, comunidades virtuais vão se delineando a partir de interesses comuns. Entre os diversos grupos que utilizam a internet como ferramenta de atuação política e promoção de suas causas, destacam-se os atingidos pelas

¹ O termo “justiça de transição” e seus congêneres fazem referência à justiça adaptada àquelas sociedades que estão vivenciando ou recentemente viveram situações extremas de violência ou conflito, em que a gravidade foi capaz de prejudicar a estabilidade política e a coesão social que embasavam a vida em comum. “...menos do que uma definição de conteúdo inteiramente determinado, o termo refere-se a um processo de ordem histórica e, portanto, contingente Manifesta-se em uma série de respostas, via de regra institucionais, no sentido de reparar, o mais ampla e profundamente possível, um legado traumático pós-conflitivo ou pós-autoritário que afeta a integração e o desenvolvimento de determinada sociedade. (Quinalha, 2013, p. 122)

ditaduras na América Latina. A prática virtual desse grupo, em específico dos filhos dos ex-militantes da resistência armada às ditaduras argentina e paraguaia, são o objeto deste estudo. Interessa, especialmente, as relações identitárias estabelecidas por esses coletivos.

A ideia de que o ciberespaço é ocupado por diferentes sujeitos, grupos e demandas é recorrente a começar dos primeiros estudos sobre esse ambiente. Conforme sinaliza Hollanda (1997) sobre as mobilizações dos grupos organizados, setores marginalizados, historicamente, intentaram um espaço de reconhecimento e identificação para além das suas fronteiras geográficas de pertença, encontrando na articulação internacional – inclusive por meio da Internet - uma possível resposta à fragilidade gerada pela invisibilidade local (Hollanda, 1997). Gohn (2011) reafirma essa visão ao destacar que a partir da primeira década do século XXI, houve uma ampliação do escopo de atuação de diversos grupos organizados. Ultrapassando as fronteiras da nação e conectadas por meios tecnológicos “novíssimos atores entraram em cena, tanto do ponto de vista de propostas que pautam para os temas e problemas sociais da contemporaneidade, como na forma como se organizam, utilizando-se dos meios de comunicação e informação modernos” (Gohn, 2011, p.338).

Desde meados da década de 1990 a Internet se tornou o maior repositório de informações e conhecimento, assim como o maior meio de comunicação individual, modificando profundamente o processo de transmissão, recepção e conhecimento (Saldanha, 2007). O fenômeno das “blogosferas” problematizado por Lemos (2005) reflete sobre essa dimensão da produção e distribuição crescente de conteúdos produzidos por indivíduos, organizações, grupos, que estejam dispostos a emitir informação de inúmeras naturezas. Para o autor, a ascensão da produção de conteúdo parece indicar

a liberação do pólo da emissão (qualquer um pode fazer seu blog), o princípio em rede (blogs estão em rede e fazem referência a outros blogs) e a reconfiguração: novos formatos de diários, de publicações jornalísticas, de emissões sonoras e imagéticas, etc. . . . A liberação do pólo da emissão, o princípio em rede e a conexão têm servido como instrumentos para que vozes autênticas surjam, criando um contraponto à mídia clássica e à censura política (Lemos, 2005, p. 3-4).

O uso constante desse novo espaço acaba por “criar novas composições das relações interpessoais, novas regiões de fachada e de fundo (em sistemas como blogs, Twitter, Facebook, chats...)” (Lemos, 2013, p.59). Deste modo, o autor conclui que ao pensar o ciberespaço como um espaço relacional, em constante formação, é possível entendê-lo como um lócus no qual o social se conforma. Nessa dimensão, é imprescindível compreender os usuários desse espaço como sujeitos ativos no processo, “devemos superar a perspectiva do uso correto ou não das máquinas de comunicação, marcados para sempre pelo estigma do

consumidor passivo e envolvido por uma rede de estratégias dos produtores. Devemos vê-lo como agente” (Lemos, 2004, p. 180).

Historicamente, os estudos da Psicologia que cotejaram o ciberespaço têm focado sua atenção ao uso patológico da Internet (Ookita & Tokuda, 2001); nas múltiplas personalidades e criação de avatares (Suler, 2000); na Internet como ferramenta para orientação profissional (Terêncio & Soares, 2003); nas relações interpessoais tecidas em ambiente de interação *online* (Bargh & McKenna, 2004); em modelos preditivos sobre a adesão às crenças ufológicas no ciberespaço (Pereira, 2007); na utilização do ambiente virtual para recrutamento de participantes em pesquisa (Wachelke & Rech, 2009), tal como para formação de professores para uma educação inclusiva (Pinheiro, 2014). Diferentemente dos estudos citados, o interesse nessa pesquisa reside em focalizar os processos grupais em torno do “ser filho de ex-militante político” como objeto social, tomando o ambiente virtual como fonte documental para a coleta de dados, em razão de ele ser compreendido como um espaço psicossocial (Riva & Galimberti, 2004) por excelência, rico em relações sociais, disputas e contradições.

A compreensão do pertencimento dos indivíduos aos grupos sociais e suas relações, seja no contexto material ou psicológico encontra ressonância na teoria da Identidade Social de Henri Tajfel (1983a, 1983b). Para o autor, a identidade social pode ser definida como “aquela parcela do autoconceito dum indivíduo que deriva do seu conhecimento da sua pertença a um grupo (ou grupos) social, juntamente com o significado emocional e de valor associado àquela pertença” (Tajfel, 1983b, p. 290). Ressalta-se que em suas formulações teóricas Tajfel não se restringe aos aspectos prescritivos sobre a identidade, integrando elementos emocionais e avaliativos à dimensão cognitiva. No desenvolvimento de sua teoria, o autor propõe a congregação das “dimensões do reconhecimento de pertença ao grupo (cognitivo), [da] atribuição de valência positiva ao próprio grupo e [da] negativa ao grupo opositor (avaliativa) e, finalmente, [da] manifestação de componentes afetivos vinculados a esse sistema de diferenciação e pertencimento grupais” (Bonomo & Souza, 2013, p. 404).

Pollak (1992) discute como as situações extremas exigem uma adaptação constante às novas condições, tanto individuais quanto sociais. Na mesma conferência, o autor define identidade em “seu sentido mais superficial [como o sentido da] imagem de si, para si e para os outros” (Pollak, 1992, p. 204). Para a representação dessa identidade é necessária a percepção de elementos fundamentais, como a noção de pertencimento ao grupo, a continuidade dentro do tempo e do espaço e a noção de coerência (Pollak, 1992). Tais elementos também são assimilados à identidade social, pois ninguém e nenhum grupo pode

construir uma autoimagem isenta de mudança, de transformações engendradas em função dos outros e do meio.

A identidade seria, portanto, resultado de uma construção social repleta de práticas, experiências e representações que têm a finalidade de manter os valores sociais, portanto, formada na interação do indivíduo com esses valores que se encontram em constante transformação e negociação (Costalat-Founeau, 1997). “*Ce substrat cognitif de l'expérience vécue constitue le fondement à la fois personnel et social de l'identité, au moyen duquel peuvent se construire et s'étayer les représentations identitaires*” (Mary & Costalat-Founeau, 2012, p. 21). Nesse sentido, a identidade social seria formada através do sentimento de pertença a um determinado grupo, referindo-se, assim, a todos os investimentos que um grupo deve fazer ao longo do tempo, todo o trabalho necessário para dar a cada membro o sentimento de unidade, continuidade e coerência (Costalat-Founeau, 1997).

Tajfel (1983a, 1983b) aponta a necessidade de integridade e respeito que todos os seres humanos têm por si mesmo, e tal respeito, seria derivado da filiação a certos grupos relevantes para o sujeito. Porém, segundo o autor, como os grupos não existem no isolamento social, a única maneira de atribuir valores positivos ao seu próprio grupo (*ingroup*/endogrupo) é através da comparação com outros (*outgroup*/exogrupo). Assim, os processos de identificação, diferenciação, categorização, são subjacentes na maneira através da qual o grupo se compara a outros grupos, sendo cruciais para autoconceito endogrupal. “Estas noções comparativas que os indivíduos constroem sobre o grupo, ou grupos a que pertencem, contribuem, por sua vez, para alguns importantes aspectos da definição de si próprios e da sua influência social” (Tajfel, 1983b, p. 189).

Nessa mesma obra citada, Tajfel (1983a, 1983b) faz menção à distintividade positiva dos grupos sociais quando idealizados em um conjunto de categorias que lhes privilegia, e lhes confere poder, prestígio, mudança ou rigidez entre as fronteiras dos grupos. O que pode ser estabelecido é que há uma relação entre identidade pessoal, isto é, o conceito próprio do indivíduo e a sua identidade social, possibilitado pelo processo intergrupar de comparação social, garantindo a positivação da identidade por meio do viés de valorização endogrupal. O indivíduo pode adotar a posição relativa do seu grupo quanto à participação em um sistema social que permite a inserção em diversos grupos, sendo essa perspectiva importante para a compreensão do funcionamento das filiações de grupo, atitudes e conflito intergrupais (Tajfel, 1983a, 1983b). Dessa maneira, o sentimento de pertença psicológica e de unidade por meio da identidade social, forneceria um guia para a ação dos indivíduos ao ponto de garantir as dinâmicas sociais (Deschamps & Moliner, 2009). “Nesta perspectiva, a identidade pode ser

concebida como um fenômeno subjetivo e dinâmico resultante de uma dupla constatação de semelhanças e de diferenças entre si mesmo, os outros e alguns grupos” (Deschamps & Moliner, 2009, p. 14).

A partir das relações intergrupais e dos processos de construção da identidade social, os indivíduos se veem como unidade. O sentimento de pertença a determinado grupo resulta no compartilhamento de crenças, atitudes e vivências mediadas por uma carga valorativa, dessa maneira, em razão de aspectos da organização da sociedade, alguns grupos são valorizados socialmente, enquanto outros são marginalizados (Ciscon-Evangelista & Menandro, 2011). De acordo com Tajfel (1983b), é nesse contexto que ocorrem os fenômenos de "mobilidade social" e de "mudança social". O mesmo autor ressalta que a mobilidade ocorre quando é possível e desejável a um indivíduo deixar o grupo, ao considerar suas fronteiras permeáveis, e por estar em desacordo com os objetivos, valores e ideais do grupo de pertença. Já a mudança social se dá quando os indivíduos do grupo acreditam que as fronteiras que o cercam são bem estabelecidas. Logo, a mudança social só é vislumbrada em relação ao movimento de todo o grupo, sendo um movimento de natureza política e sociocultural, que resulta em reconhecimento de um novo status para todo um grupo social.

Conforme discorrem Ferreira (1996), Catela (2001), Gianordoli-Nascimento, Trindade e Santos (2012), para aqueles que viveram o período dos regimes autoritários - sejam eles os perseguidos políticos ou seus familiares - o processo de redefinição da identidade certamente continua, no entanto, suas condições e seu resultado colocam os que vivem essa situação à beira de uma espécie de vazio existencial e social². As autoras apontam que, aos que não sucumbiram às sevícias da violência extremada, resta o recurso da construção da memória sobre esse período, a luta pelo reconhecimento de suas trajetórias, e pelo resgate de suas lembranças e de suas identidades.

Desta maneira, este estudo se propõe conhecer as dinâmicas identitárias estabelecidas entre os filhos de ex-militantes contrários aos regimes ditatoriais na Argentina e no Paraguai, por meio das publicações nos websites da rede “H.I.J.O.S - Por la Identidad y la Justicia Contra el Olvido y El Silencio” de cada um desses países. Pretende-se, portanto, explorar as relações intergrupais que balizaram as construções de memória por esses grupos, apontadas anteriormente no trabalho de Breugelmans e Gianordoli-Nascimento (no prelo).

² Lira (1998) ressalta que além das consequências psicopatológicas observadas em alguns dos atingidos pelas ditaduras, é importante também reconhecer que houve expressões concretas de violência política que marcaram e destruíram corpos individuais, vidas pessoais e que afetaram as interações sociais devido às violações de direitos humanos.

Procedimentos metodológicos

A fonte dos dados desta pesquisa são os diretórios virtuais criados e alimentados pelas organizações Hijos/Argentina³ e Hijos/Paraguai. Cada plataforma apresenta organização própria dos conteúdos, tendo sido selecionadas as seções cujas características de produção e organização textual se assemelhavam quanto a sua estrutura: textos voltados ao leitor externo ao grupo, informes, convocatórias, depoimentos e notícias.

Os dados foram recolhidos entre os meses de abril e junho de 2014 através do acesso aos websites na rede mundial de computadores. As informações obtidas na busca ao acervo foram agrupadas em uma base de dados de controle separada pelos países provenientes. Todos os textos das seções foram copiados e salvos em documentos únicos “sem formatação”. Nos casos em que as chamadas apresentavam links para documentos anexos em formato PDF (Portable Document Format), um tipo de documento que não permite edições, os arquivos foram convertidos para o formato de documento editável como o auxílio do software Abbyy Fine Reader. Dessa maneira, foram criados e analisados dois *corpora* textuais distintos, um referente ao Hijos/Argentina e outro ao Hijos/Paraguai.

Com a finalidade de conhecer os aspectos intergrupais que organizam a construção identitária dos grupos foram procurados elementos da organização geral (estruturação de significados) nos *corpora*. Para tanto, foi utilizada a análise lexical, por meio do software ALCESTE PLUS (2014), que efetua um mapeamento léxico em conjuntos textuais, indicando, segundo a distribuição de um vocábulo específico, a existência de um espaço semântico característico (Nascimento & Menandro, 2006). Ou seja, o princípio que norteia a análise empregada pelo software é que um “texto formulado por diferentes indivíduos pode apresentar pontos de vistas partilhados pelo grupo social” (Oliveira, 2013, p. 55).

O programa realiza uma Classificação Hierárquica Descendente (CHD) dispondo os resultados em forma de árvore, tal conformação é denominada dendrograma. Nesta estruturação dos dados, podem ser observadas a apresentação das palavras representativas de

³ Neste trabalho o agrupamento H.I.J.O.S. Capital Federal foi tomado como representativo da Argentina, sendo denominado Hijos/Argentina. Contudo, é importante mencionar que no país há também um outro grupo HIJOS (sem os pontos). O website H.I.J.O.S. Capital Federal foi escolhido por ser o primeiro a se constituir enquanto organização de filhos de ex-militantes, assim como por ser o articulador da rede nacional e internacional da organização H.I.J.O.S - Por la Identidad y la Justicia Contra el Olvido y El Silencio (Alonso, 2010), da qual o Hijos/Paraguai faz parte.

cada classe, a ligação entre as classes, a porcentagem de cada classe no corpus analisado e as variáveis mais representativas da classe (Souza, Bonomo, Livramento, Brasil & Cana, 2009).

A análise e interpretação dos dados foi desenvolvida com base em elementos da Teoria da identidade social proposta por Henri Tajfel (1983a, 1983b), cabendo, por conseguinte, a leitura dos resultados, a partir das Unidades de Contexto Elementar (UCE), fragmentos do corpus selecionados pelo programa, assim como das palavras plenas de maior X^2 (qui-quadrado⁴), com a finalidade de nomear as classes apresentadas pelo ALCESTE.

Resultados

Nesta seção serão apresentados os resultados provenientes do procedimento de classificação hierárquica descendente (CHD) efetuado pelo ALCESTE para os dois *corpora*. Inicialmente serão descritos os resultados do conjunto textual argentino, para logo após ser apresentado o conjunto paraguaio. As variáveis utilizadas para a leitura dos dados são: Número de Identificação do trecho de texto (id); País da Rede Internacional Hijos mencionado (pais_1: Argentina, pais_6: Paraguai); Conteúdo (cont_1: texto exclusivamente sobre o HIJOS, cont_2: texto sobre o HIJOS, juntamente com outros temas); Tempo (temp_1: texto relativo ao contexto passado, temp_2: texto relativo ao contexto atual).

Hijos/Argentina

Na composição do corpus o software ALCESTE indicou 881 Unidades de Contexto Elementar – UCE - (61,99% ocorrências potencialmente analisáveis, frequência >3 das formas reduzidas), e deste total, 819 foram analisadas, tendo, portanto um aproveitamento de 92,96%. A CHD utilizou dois procedimentos envolvendo 14 e 16 palavras reduzidas. O dendrograma apresentou três classes organizadas em dois grupos lexicais associados (Figura 1).

⁴ O qui-quadrado (x^2) das palavras reduzidas é uma medida da distribuição média de uma palavra quando comparada com a distribuição na classe. (Kronberguer & Wagner, 2008). Essa medida é utilizada para decidir se duas variáveis mantêm relação de dependência (Feijoo, 2010).

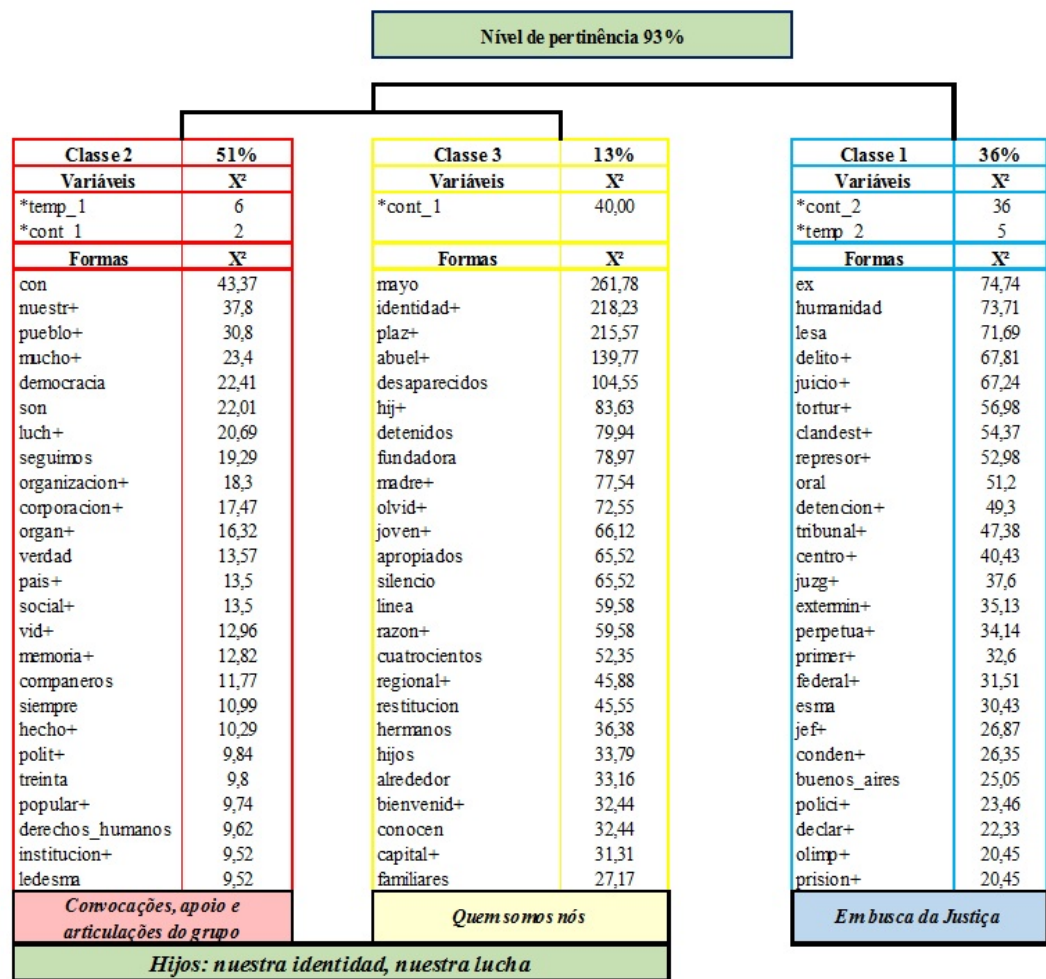


Figura 1: Dendrograma de Classificação Hierárquica Descendente, HIJOS Argentina

Na Classe 1 “Em busca da Justiça” foram descritos elementos referentes aos julgamentos dos crimes de lesa-humanidade associados aos locais reconhecidos por terem abrigado ex-centros clandestinos de detenção, tortura e extermínio. O conjunto de palavras dessa classe fez menção à dinâmica dos processos judiciais acompanhados tanto pelo agrupamento Hijos/Argentina, quanto por outros grupos sociais argentinos (cont_2), sendo referenciados elementos do universo jurídico (*delito, juicio, condenado, juzgado, lesa humanidad*) utilizados nos processos transicionais em países que passaram por regimes ditatoriais. Observou-se também a nomeação de espaços notoriamente conhecidos como locais de extermínio, como a *Escuela de Mecánica de la Armada (ESMA)*. Assim, os Hijos aparecem como agentes da demanda por memória e justiça, utilizando a plataforma virtual para informar, fomentar e mobilizar o grupo em torno da causa que defendem e atuando na instância oficial do reclame.

Unité textuelle n° 598 $X^2 = 27$ *id_222 *pais_1 *cont_2 *temp_2
 (primer) (juicio) (oral) (en) la (megacausa) (esma) (a) donde vayan los iremos (a) (buscar). (el)
 (proximo) 18_de_octubre, las 8. 30 (hs). (En) los (tribunales) (de) la calle (comodoro) comenzaran las
 (audiencias) (del) (primer) (juicio) (oral) (de) la (megacausa) (esma).

O descontentamento com aspectos da sociedade e do Estado contrários aos ideais de direitos humanos e bem-estar social, foram recorrentes nos léxicos encontrados na classe 2, denominada “Convocações, apoio e articulações do grupo”. Através desta classe observou-se as relações tecidas entre Hijos/Argentina com outros setores da sociedade que prezam pelos mesmos princípios defendidos pelo grupo. Foram encontradas UCEs que cujo conteúdo mencionava o apelo à participação da sociedade argentina nas ações públicas organizadas e/ou frequentadas pelo agrupamento, bem como, a solidariedade com outras organizações que lutam pela promoção dos direitos humanos e pela consolidação das liberdades fundamentais.

Unité textuelle n° 26 $X^2 = 21$ *id_3 *pais_1 *cont_2 *temp_2
 (Así) (los) ponemos (al) (lado) (nuestro), (como) (compañeros) (y) (compañeras), (no) (como) héroes
 inalcanzables, (sino) (como) (militantes) (comprometidos) (con) (las) causas (justas). (Luchamos)
 (mucho) por obtener (memoria), (verdad) (y) justicia, por (no) (tener) (un) (país) condenado a la
 (impunidad).

A Classe 3 “Quem somos nós” apresenta a maior carga emotiva do conjunto de textos. Através dos comunicados e notas públicas, notou-se a valorização da identidade do grupo Hijos/Argentina. A menção aos outros grupos de familiares, como as *Abuelas de Plaza de Mayo* e as *Madres de Plaza de Mayo - Línea Fundadora* -, apresentaram o agrupamento enquanto herdeiros da luta iniciada pelas gerações anteriores. Dessa maneira, na classe foram encontradas as demandas por reconhecimento e legitimidade enquanto grupo social organizado que também sofreu as sevícias da ditadura argentina.

Unité textuelle n° 531 $X^2 = 68$ *id_197 *pais_1 *cont_1 *temp_2
 (otro) (hijo) de (desaparecidos) (recupero) (su) (identidad). (comunicado) de (prensa) 10
 _de_septiembre_de_2008_ (otro) (hijo) de (desaparecidos) (recupero) (su) (identidad) los (hijos) (e)
 (hijas) (por-la) (identidad) y la (justicia) (contra) el (olvido) y el (silencio) (regional) (capital) federal en
 la (red) nacional, queremos comunicar con inmensa (alegría) que (otro) (hijo) de (desaparecidos),
 (nacido) en (cautiverio), ha (recuperado) (su) (identidad).

Com a finalidade de descrever a relação de complementaridade expressa nas publicações analisadas, o conteúdo lexical das classes 2 e 3 foi denominado “*Hijos: nuestra identidad, nuestra lucha*”. Tomadas em conjunto, as palavras que compuseram estas duas classes fizeram menção ao contexto específico dos preceitos, atuação e realidade vivenciada pelo Hijos/Argentina; enquanto na classe 1 se observou um conteúdo mais próximo às demandas das organizações de direitos humanos como um todo.

As três classes apresentam um conjunto lexical através do qual foi possível observar os atores e o universo simbólico/ideológico da luta do agrupamento Hijos/Argentina, assim como, sua busca por valorizar-se e diferenciar-se dos demais organismos de Direitos Humanos relacionados à temática de repressão estatal.

Hijos/Paraguai

Na composição do corpus o software ALCESTE indicou 1011 Unidades de Contexto Elementar – UCE - (60,80% ocorrências potencialmente analisáveis, frequência >3 das formas reduzidas), e deste total, 721 foram analisadas (71,32%). A CHD utilizou dois procedimentos envolvendo 14 e 16 palavras reduzidas.

O dendrograma, demonstrado na Figura 2, apresentou quatro classes organizadas em dois grandes grupos lexicais associados, sendo o primeiro composto pela Classe 1, e o segundo pelas três classes subsequentes, em que a Classe 2 se encontra em oposição às Classes 3 e 4.

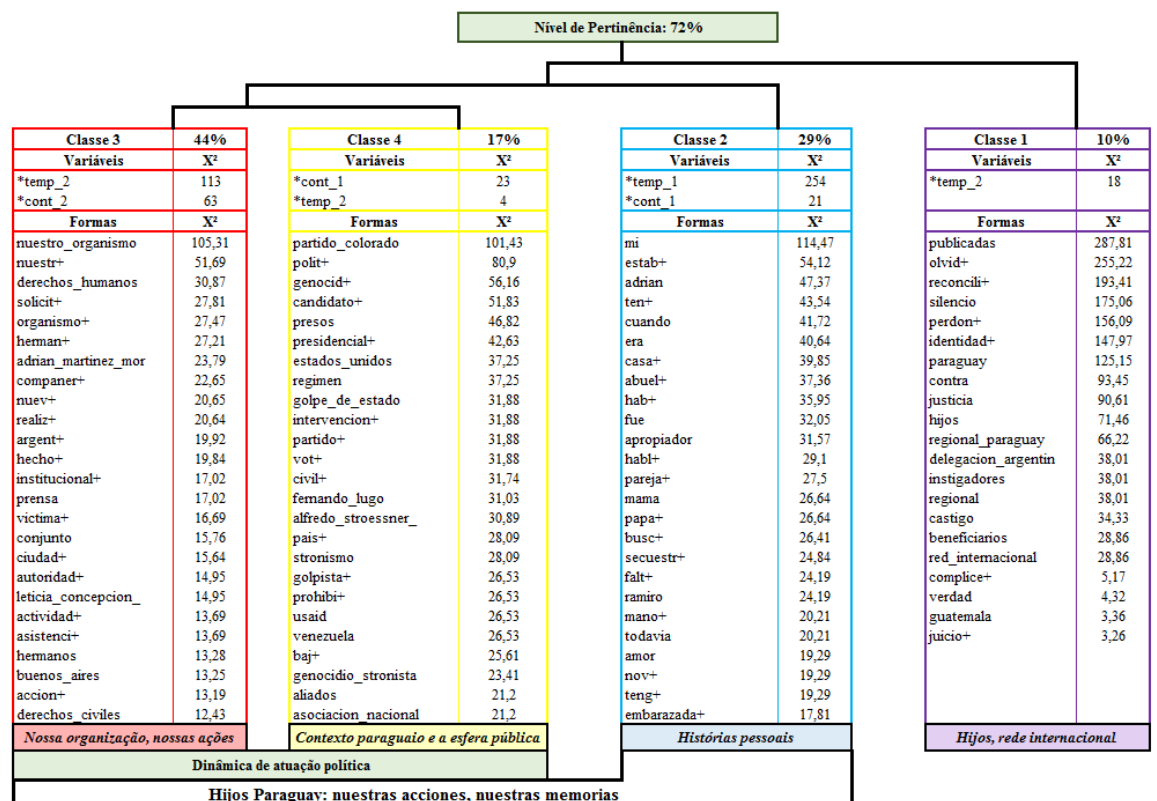


Figura 2: Dendrograma de Classificação Hierárquica Descendente, HIJOS Paraguai

Na classe 1, denominada “Hijos, rede internacional”, foi possível observar as principais demandas levantadas por todos os grupos que se organizam sobre a sigla *H.I.J.O.S*

- *Por la Identidad y la Justicia Contra el Olvido y El Silencio*. Nesta classe foram retomadas as palavras de ordem que são o mote da organização internacional H.I.J.O.S., como a luta pela justiça e contra a reconciliação nacional, da mesma forma, que foram mencionadas as lutas contra o esquecimento e o silêncio da sociedade civil perante as sevícias cometidas pelos regimes de exceção. Foram notados, portanto, os objetivos comuns partilhados pela entidade enquanto grupo social ampliado.

Unité textuelle n° 103 $X^2 = 91$ *id_377 *pais_6 *cont_2 *temp_1
 Nuestra lucha es (por) devolvernos el brillo de sus [dos atingidos pelos regimes militares] miradas. (por) devolvernos la magia de sus sonrisas. (no) (olvidamos). (no) (perdonamos). (no) (nos) (reconciliamos). (hijos) (por) (la) (identidad) y la (justicia) (contra) el (olvido) y el (silencio) (regional_paraguay)

O conjunto de classes 2, 3 e 4, “Hijos Paraguay: nuestras acciones, nuestras memorias”, fez menção às particularidades da realidade paraguaia e do agrupamento daquela região, por tal motivo, se encontram em oposição à classe 1, cujo discurso está voltado para aspectos mais globais do grupo H.I.J.O.S. propagados através de sua Rede Internacional.

Na Classe 2 “Histórias pessoais” são citadas as experiências traumáticas vivenciadas pelos *hijos* paraguaios durante os anos de regime stronista. O uso do pessoalismo foi constante nas Unidades de contexto elementar, como os pronomes “meu/minha” para se referir aos relatos de cada um dos membros que compõem o agrupamento. Observou-se também alusão à perda dos *papas* e *mamas*, e a primeira infância vivida ao lado das *abuelas*. Foram destacadas as histórias de apropriação de crianças nascidas nos porões da repressão, assim como o assassinato das militantes grávidas como prática dos agentes do governo ditatorial.

Unité textuelle n° 230 $X^2 = 37$ *id_384 *pais_6 *cont_1 *temp_1
 (fue) (hace) (mucho)! memoria selectiva. (hace) (poco) (me) (entere) de-que (mi) (papa) (tuvo) (otra) (novia) (desaparecida), beatriz_porrini, (con) la que-se caso. (ella) (queda) (embarazada) y se la llevan. (mi) (papa) se escapa de (ese) (operativo). el (iba) y (venia) en las (relaciones). capaz (porque) todos (iban) cayendo.

Unité textuelle n° 98 $X^2 = 29$ *id_377 *pais_6 *cont_2 *temp_1
 (allí) (dio) a (luz) (una) (nina) a la (que) (llama) angela_rosa. la (nina) (fue) localizada en 1999. maria_rosa (le) (falta) a (su) (hija); a (su) (familia).

A classe 2 se encontra em oposição às classes 3 e 4, já que as últimas estão relacionadas à “Dinâmica de atuação política” do grupo Hijos/Paraguai, enquanto a primeira está contida na esfera privada das motivações que fazem com que esse coletivo de pessoas se organize em torno de uma reivindicação comum.

As especificidades da diligência paraguaia foram encontradas na Classe 3 “Nossa organização, nossas ações”. Nessa classe foram explicitados exemplos de solicitações judiciais, atividades e feitos institucionais realizados pelo grupo. Foram mencionadas ainda as denúncias dirigidas à imprensa paraguaia, bem como os casos em que os *hijos* consideraram terem sido tratados de maneira tendenciosa pelos órgãos de comunicação do país. Ressaltou-se o nome de Adrián Martínez Moreira⁵, um dos membros do agrupamento que teve sua identidade restituída após confirmação da justiça argentina de que ele seria filho de militantes paraguaios mortos pela Operação Condor.

Unité textuelle n° 422 $X^2 = 24 *id_395 *pais_6 *cont_2 *temp_2$
 (viernes), (_1_de_noviembre_de) 2013_data_de_publicacao (la) (secretaria_de_derechos_humanos)
 (de) (la) (provincia_de_buenos_aires) (otorgo) 3 (resoluciones) (sobre) indemnizaciones a 3 (de)
 (nuestros) (companeros) y (hermanos)

Já na classe 4 denominada “Contexto paraguaio e a esfera pública” foram apresentados conteúdos relacionados ao cenário político da região, assim como a conjuntura histórica dos períodos ditatoriais no país. Dessa maneira, foram citadas a *Asociación Nacional Republicana* (mais conhecida como Partido Colorado), o partido político paraguaio de tendência conservadora e nacionalista, através do qual Alfredo Stroessner (1954-1989) governou o país.

Unité textuelle n° 784 $X^2 = 52 *id_419 *pais_6 *cont_1 *temp_2$
 (económicamente) (libre) (y) (políticamente) soberana! (libre) (del) (intervencionismo) (político) (y)
 (económico) de las (agencias) (norteamericanas)! el financiamiento extranjero (es) acceptable en tanto
 (y) (cuanto) no limite las luchas (sociales) pero (los) (intereses) de la (usaid) no (son) (los) de un (país)
 que avance, sino de un (país) que (dependa) (y) (se) someta (a) las (ordenes) (y) (decretos) de (los)
 (estados_unidos).

Na classe 4 também foram apresentados casos de violação de direitos humanos ocorridos durante os governos ditatoriais, nos quais os Estados Unidos apareceu como aliado ao genocídio stronista. Como exemplo da participação norte-americana, foram referenciadas as intervenções da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional

⁵ A história de Adrián Martínez Moreira ganhou repercussão na mídia paraguaia por se tratar de um dos primeiros casos de restituição de identidade de militantes do grupo Hijos/Paraguai. Contudo, a veracidade da história foi contestada por determinados setores da mídia, como pode ser visto no link: <http://www.infobae.com/2015/07/12/1741112-la-increible-historia-del-impostor-que-engano-la-justicia-y-se-hizo-pasar-hijo-desaparecidos/>. A organização Hijos/Paraguai respondeu as denúncias de fraude, contudo, tal embate não foi tema de análise da pesquisa, visto que a possível não-autenticidade do caso só veio à tona depois de realizada a coleta de dados.

(United States Agency for International Development - USAID⁶). O contexto atual também foi mencionado, sobretudo, no que se referiu à corrida presidencial no país. Teve destaque as eleições presidenciais de 2008, vencidas pela ex-bispo Fernando Lugo, e o posterior golpe de estado em 2012 que o destituiu do poder.

Discussão

Compreender o papel que o passado tem na constituição da identidade do agrupamento HIJOS é crucial, uma vez que as ditaduras e suas reverberações na trajetória de vida de cada integrante são os principais eixos motivadores de suas existências enquanto grupos organizados.

Na obra *La cambiante memoria de la dictadura. Discursos públicos, movimientos sociales y legitimidad democrática*, Lvovich e Bisquert (2008) apresentam um apanhado histórico em torno das representações predominantes sobre a última ditadura militar argentina (1976-1983). Através de uma linha temporal que vai dos anos de 1976 à 2007, os autores se concentram tanto nas transformações dos discursos e práticas estatais vinculadas à temática quanto nas mudanças de posicionamento dos organismos de direitos humanos sobre o período. A memória configurada a partir dos esforços desses últimos é a representação que prevalece no cenário do país, já que a mesma foi assumida quase que por completo pelo Estado.

Para chegar a tais conclusões, Lvovich e Bisquert (2008) centralizam a sua análise na distinção entre o conceito de memória e história. Tanto a primeira quanto a última constituem formas de representação do passado, todavia, se distinguem por suas lógicas internas e finalidades. *“Mientras la historia aborda el pasado de acuerdo a las exigencias disciplinares, aplicando procedimientos críticos para intentar explicar, comprender, interpretar, la memoria se vincula con las necesidades de legitimar, honrar, condenar”* (p. 7). Os mecanismos da memória selecionam as recordações e esquecimentos em função das instâncias sociais, políticas e culturais que engendram a sua conformação, dessa maneira, se a história pode contribuir para o reforço de determinadas memórias, não pode substituí-las como mecanismo de produção de sentidos sobre esse passado. Cabendo, portanto, à memória

⁶ A sigla USAID faz referência a United States Agency for International Development, surgida em 1961 para dar continuidade ao trabalho da ICA (International Cooperation Administration), que desde 1954 financiava projetos de interesse do governo norte-americano em diferentes países. Nos anos posteriores à Segunda Guerra e durante a Guerra Fria, o objetivo da USAID era injetar recursos financeiros e técnicos na América Latina, com a meta de fomentar a modernização na esperança de que isso esvaziasse o apelo da investida comunista na região (Motta, 2010).

essa relação particular com os acontecimentos do passado e com a constituição de identidades.

Nesse sentido, Lvovich e Bisquert (2008) afirmam que a partir de 1995 houve na Argentina o denominado “*boom de la memoria*” (p. 59), em que a temática da ditadura veio à cena a partir de confissões de agentes do Estado sobre os crimes cometidos e debates públicos sobre a responsabilização das forças armadas.

As marcas deixadas pelo regime ditatorial argentino, conhecido à época como *Proceso de Reorganización Nacional*, conjuntamente com os chamados “processos pela verdade” (*juicios por la verdad*), impulsionaram o processo transicional no país, fazendo daquele contexto um cenário privilegiado, “uma referência na América Latina, em razão do julgamento das violações de direitos humanos cometidas durante a ditadura e da participação ativa de vítimas, familiares e organismos de direitos humanos na luta por verdade, justiça e na promoção da memória” (Duque & Carvalho, 2016, p.17).

Cueto Rúa (2008) afirma que se antes os discursos em torno do tema da ditadura eram pautados pelos organismos de direitos humanos vinculados à primeira geração de atingidos – militantes, familiares, *Madres* e *Abuelas* – a ampliação das reivindicações ganha novos contornos nos meados de 1990 com a implicação dos filhos dos militantes. A primeira geração de atingidos é mencionada no conjunto lexical da classe 3 do corpus Hijos/Argentina.

La centralidad de la justicia, el rechazo a pensar los conflictos políticos en términos bélicos, la despolitización de las víctimas del terrorismo de Estado, la hegemonía de la noción de derechos humanos, y la posibilidad de que los militantes de organizaciones guerrilleras pudieran ser juzgados en tanto sus prácticas eran difíciles de emerger exitosas de la lectura en clave de legalidad-ilegalidad, fueron elementos que coadyuvaron para que las memorias militantes vieran ocluida su emergencia pública. Esto empieza a romperse a mediados de los años noventa, momento en que coincide la emergencia de las memorias militantes con el nacimiento de la agrupación HIJOS (Cueto Rúa, 2008, p. 35).

O processo de aparição e consolidação na cena pública de grupos organizados por filhos de ex-militantes das ditaduras foi semelhante em vários países na América do Sul (Guatavita Garzón, 2014). Na Argentina, a reivindicação e a ressignificação das bandeiras pelas quais seus pais lutaram (democracia e sociedade mais igualitária), e a implementação do escrache como um sistema diferenciado de repúdio fizeram com que os grupos dos filhos – denominados de segunda geração – se constituíssem numa dinâmica diferenciada daquela até então prescrita pela primeira geração (Cuento Rúa, 2008; Lvovich & Bisquert, 2008).

Se por um lado os H.I.J.O.S. estão intimamente associados à ação reivindicativa das *Madres e Abuelas de Plaza de Mayo*, através das quais inicialmente haviam se conformado, por outro, o agrupamento tem uma forte identificação com a militância política dos anos de 1970 (Guatavita Garzón, 2014; Heffes, 2013; Cueto Rúa, 2008) De acordo com Heffes (2013), o grupo H.I.J.O.S., desde a sua constituição, teve como norte reunir

hijos de desaparecidos, asesinados, ex presos políticos o exiliados por la represión durante la última dictadura militar. Nacidos, la mayor parte de ellos, en los años previos o inmediatamente posteriores al golpe del 76, tenían a mediados de los años noventa la edad en la que comienza a plantearse la militancia política o social como una alternativa posible. . . . el hecho de aproximarse a la edad que tenían sus padres en el momento de la muerte o desaparición también tuvo un fuerte efecto movilizador. . . . A esto también contribuyó el contexto político de la época ya que, durante la primera mitad de la década del noventa, el tema de la violencia del terrorismo de Estado no había ocupado un lugar relevante en la agenda pública, 1995 fue un punto de inflexión. (Heffes, 2013, p. 12).

É a partir desse contexto social que o H.I.J.O.S. se organiza e entra na cena política enquanto organismo de direitos humanos independente, mas ainda com forte vinculação aos outros grupos de atingidos pelas ditaduras. Tal aspecto pode ser observado nas Classes 1 de ambos os países, “Em busca da Justiça” e “Hijos, rede internacional”. Parece haver entre os grupos Hijos/Argentina e Hijos/Paraguai uma identificação com o discurso ampliado que é repercutido pelos demais organismos de direitos humanos, no qual há valorização dos processos jurídicos de responsabilização do Estado pela violência infligida, o reconhecimento dos crimes cometidos enquanto delitos de lesa-humanidade e a luta pela memória dos seus entes. No caso específico do Hijos/Argentina, há uma clara referência às *Madres de Plaza de Mayo – Línea fundadora*⁷, enquanto que no Hijos/Paraguai são feitas menções à rede internacional através da qual os agrupamentos de congregam e a *delegaciones argentinas* de Direitos Humanos que atuam no país.

Dessa maneira, através dos processos de comparação e categorização social os Hijos/Argentina e Hijos/Paraguai, procuram organizar e compreender o meio social no qual estão inseridos, se identificam com a posição ideológica emitida pelos organismos de Direitos Humanos de forma ampliada. Conforme Tajfel (1983a, 1983b), é a partir desses processos que orientamos e definimos nosso lugar na sociedade. “Estamos constantemente procurando

⁷ *As Madres de Plaza de Mayo Línea Fundadora* é uma dissidência da *Asociación Madres de Plaza de Mayo* criada em 1986, durante o governo de Raul Alfonsín (1983-1989) (Gorini, 2006). “*La diferencia fundamental para que se presentara dicha ruptura dentro del movimiento se relaciona con la posición que las madres debían asumir con respecto al alfonsinismo y sus políticas de reparación de víctimas. . . . [así como la] tensión generada en el interior del movimiento debida al proceso de elecciones internas. . . . En los últimos años cada línea del movimiento de las Madres de la Plaza de Mayo ha perfilado su postura política de diferente manera, pero han logrado encontrarse en la definición de una lucha por los derechos humanos y la justicia social, cada una con estrategias políticas y participativas diferentes*” (Ortiz Cuchivague, 2012, p. 168).

conhecer, compreender e estabelecer relações causais para as mudanças que acontecem no nosso meio social. Queremos entendê-lo e, geralmente, da forma mais simples possível; por isso, atribuímos características para os grupos com os quais nos relacionamos” (Bertollo-Nardi, Souza & Menandro, 2012, p. 304).

Assim, na classe “Em busca da Justiça” (Hijos/Argentina) e “Hijos, rede internacional” (Hijos/Paraguai), podemos observar o sentimento de filiação à rede H.I.J.O.S., que os proporciona reconhecimento enquanto organismo de Direitos Humanos, conforme se pode observar pela presença da variável cont_2 (texto sobre Hijos em conjunto com outros temas) e da constante menção às palavras de ordem dessas organizações “*por justicia, contra el olvido y el silencio*”.

A partir do processo de autopercepção, o grupo delinea as diferenças entre “nós” (grupos de Direitos Humanos) e “eles”, enfatizando positivamente suas características, como pode ser notado no trecho:

... porque no olvidamos, porque no perdonamos, porque no nos reconciamos, porque no nos callamos. Juicio y castigo a los genocidas de ayer y de hoy, a sus cómplices, beneficiarios e instigadores! Luchamos por la verdad histórica (Hijos/Paraguai)

É a partir dessa diferenciação entre “nós” e “eles”, que se pode observar o enaltecimento dos membros do próprio grupo em detrimento dos pertencentes ao exogrupo. As relações de conflito intergrupais estão orientadas pelas representações sobre o exogrupo, formadas principalmente por conteúdos negativos especificados no léxico destacado na análise, na figura dos “*genocidas*”, “*cómplices*”, “*beneficiarios*” e “*instigadores*” da ditadura de Stroessner, ou nos “*represores*”, “*polícia*”, “*torturadores*” do contexto argentino. A categorização social dos H.I.J.O.S enquanto organização fundamentada nos ideias de luta por justiça e respeito aos direitos humanos, contribuiria para a identidade social “filhos de ex-militantes”, sendo uma parte fundamental do autoconceito de ambos dos grupos.

Aragão e Arruda (2008) afirmam que para Tajfel a relação entre a categorização social do grupo com o autoconceito é a motivação necessária para a formação de uma identidade social positiva, que se reflete em um movimento de distintividade do seu grupo com relação aos demais. Dessa maneira, a identidade social e o sentimento de pertença grupal estão interligadas, já que a valorização dos grupos Hijos/Paraguai e Hijos/Argentina proporciona, em última instância, uma construção de identidade positiva para cada indivíduo participante. Assim, por meio dessa identidade comum, forma-se uma identidade social no grupo, cumprindo a função de manter uma imagem positiva e garantir especificidade.

Esse aspecto positivo possui, portanto, uma função identitária indispensável, já que proporciona o aumento da autoestima daqueles que participam do grupo (Tajfel, 1983a, 1983b). O autor ainda complementa dizendo que todos nós procuramos nos filiar justamente aos grupos que possam favorecer positivamente a nossa autoimagem e aumentar a nossa autoestima (Tajfel, 1983a, 1984b). Portanto, parece que se identificar com a rede H.I.J.O.S., e, por consequência, com as organizações de direitos humanos de denúncia e combate à violência de Estado, é um importante aspecto para o sentimento de pertencimento do grupo Hijos/Argentina e Hijos/Paraguai.

Apesar de manterem a mesma tendência de organizarem a sua identidade social de “filho de ex-militante” em função da sua filiação aos grupos de direitos humanos, no caso específico do Hijos/Paraguai, o grupo alça o Hijos/Argentina a um status de referência. Pautando, portanto, o conteúdo das suas publicações à partir da pioneira organização argentina. Assim, se nas publicações argentinas são contruídos os parâmetros pelos quais os grupos de familiares e ex-militantes se estruturam, para a realidade paraguaia essas referências são absorvidas via articulações internacionais da rede H.I.J.O.S.

Tal peculiaridade do grupo Hijos/Paraguai coaduna com aquilo que a literatura vem apontado sobre as configurações dos grupos de direitos humanos no Paraguai (Silva, 2014; Cossi, 2012). No trabalho sobre exilados paraguaios na Argentina, país de destino da grande maioria dos perseguidos pelo regime stronista, Cossi (2012) ressalta que os exilados se organizaram política e socialmente no país de destino e mantiveram contatos com o país de origem, sobretudo nas regiões de fronteira. Na passagem entre os anos de 1980 e 1990, a militância desenvolvida na Argentina fez com que a luta pela democracia no Paraguai, após a abertura política, assumisse um contorno de uma causa latino-americana, fazendo com que a experiência argentina pautasse o tom da causa (Cossi, 2012; Silva, 2014).

Não obstante, não se pode perder de vista que ainda que haja uma identificação entre os agrupamentos H.I.J.O.S. desses dois países, com outros grupos organizados em volta da causa da justiça de transição, há uma clara reivindicação da sua própria identidade.

Como dito acima, historicamente, o organismo H.I.J.O.S foi concebido no *boom* das memórias e disputas por legitimidade de versões sobre as ditaduras militares na América do Sul. Contudo, Raina (2012) sinaliza que, desde o início de sua criação na Argentina, o grupo carrega consigo duas heranças pelas quais *“una intentan separarse y la otra les otorga legitimidad dentro del movimiento de derechos humanos. Ambas los ubican en el lugar de definir sus valores y preferencias”* (p. 8).

A primeira herança estaria relacionada ao que a autora chama de “peso” por ser filho

de ex-militante. Entendida como o lugar de dor e de nostalgia, tal carga os faria associar-se diretamente aos demais grupos de familiares e afetados pelas ditaduras. Já a segunda herança estaria baseada no “*relevo generacional*” (Raina, 2012, p. 8) inerente ao grupo. Alonso (2010) trás essa mesma reflexão ao afirmar que frente ao envelhecimento dos militantes de organizações como, por exemplo, as *Madres* e *Abuelas* (Classe 3, Hijos/Argentina), os H.I.J.O.S. aparecem na cena pública como uma renovação geracional. Figurando, portanto, não somente como um grupo herdeiro das histórias dos ex-militantes e familiares, mais também como legítimos atores na constituição da história coletiva sobre o período (Raina, 2012)

Na pesquisa dos conteúdos divulgados nos websites Hijos/Argentina e Hijos/Paraguai foi possível observar essa dupla herança mencionada por Raina (2012) e Alonso (2010). Esse movimento de distintividade frente aos organismos de direitos humanos – entendido pelos autores como primeira herança – pode ser notado na classe 2 “Convocações, apoio e articulações do grupo” do Hijos/Argentina, assim como no conjunto das classes 3 e 4 do Hijos/Paraguai, denominado “Dinâmica de atual política”.

Enquanto que a segunda herança, aquela que proporciona não somente a diferenciação frente aos outros grupos de direitos humanos, mais também a especificação de cada agrupamento na rede internacional organizada sob a sigla H.I.J.O.S., pode ser compreendida no conjunto argentino das classes 2 e 3, “*Hijos: nuestra identidad, nuestra lucha*”; e no caso paraguaio, das classes 2, 3 e 4, nomeada “*Hijos Paraguay: nuestras acciones, nuestras memorias*”.

Quanto a primeira herança, Bertollo-Nardi, Souza e Menandro (2012) conduziram um estudo sobre identidades políticas de jovens brasileiros que pode ser útil para a compreensão da complexidade dos agrupamentos H.I.J.O.S. A partir da proposta teórica de Tajfel (1983b), os autores, concebem a identidade política como resultante da diferenciação e da comparação entre partidos e posições ideológicas. Assim, os grupos sociais estão em constante relação, pois “não há nenhum grupo que viva sozinho ... [assim] os aspectos positivos da identidade social e a reinterpretação de atributos e empenhamento na acção social só têm sentido relacionados, ou comparados com outros grupos” (Tajfel, 1983b, p. 291). Para analisar as relações partidárias, portanto, é preciso “pensar na competição existente por legitimidade, espaço e poder” (Bertollo-Nardi, Souza & Menandro, 2012, p. 304).

Ainda segundo Bertollo-Nardi, Souza e Menandro (2012), a mera identificação dos jovens com filiação aos partidos de esquerda não os torna um grupo homogêneo, devido a tensão intragrupal de diferenciação social. Similarmente, para o H.I.J.O.S., ainda que hajam

elementos compartilhados entre organismos de direitos humanos, os coletivos de filhos de ex-militantes se propõem a ocupar um espaço mais amplo no debate público, diferenciando-se, atualizando causas e congregando outros atores à suas ações.

... el proyecto impulsado en conjunto por el colectivo La Igualdad y nuestro organismo sobre la creación de una biblioteca popular en el Multiespacio Pasco; lugar donde ambas organizaciones funcionan, llevara el nombre de nuestro compañero Pablo Fernando Zanotti, muerto en la denominada Tragedia de Once⁸ ocurrida el 22 de octubre de 2012 en la capital federal de Argentina. (Hijos/Paraguai)

Ellos son los enemigos de la Patria Grande, los verdugos con traje militar y empresarial, las corporaciones hambreadoras, los monopolios desestabilizadores, los que se pretenden dueños de la realidad y la tierra. Por eso seguimos militando: hoy la realidad de nuestra Latinoamérica nos pide redoblar el compromiso y la solidaridad para defender las victorias. Por eso, a 38 años de la última dictadura cívico-militar, hoy venimos a esta Plaza a decir que hay una sola opción para no volver a ser colonia y seguir construyendo esta Patria: ¡democracia o corporaciones! (Hijos/Argentina)

Se para Bertollo-Nardi, Souza e Menandro (2012) dentro da esquerda brasileira, a disputa ideológica parece centrar-se na oposição esquerda radical versus esquerda consciente, na pesquisa aqui apresentada, ainda que não haja conflito aparente entre os grupos Hijos/Argentina e Hijos/Paraguai e as demais organizações de direitos humanos, os agrupamentos se distinguem a partir da sua organização interna, que privilegia a horizontalidade e rechaça uma estrutura hierarquizada entre os membros (diferentemente do que é visto no movimento das *Madres*) e das suas ações coletivas de escraches (Cueto Rúa, 2008). Esses seriam, então, as duas diretivas encontradas em todos aqueles grupos que partilham da rede nacional e internacional H.I.J.O.S.

De acordo com Tajfel (1983b), é essa perspectiva comparativa que estabelece a ligação entre categorização social e identidade social, possibilitando a identificação de quem pertence ou não a um grupo. “Um grupo torna-se grupo no sentido em que existe a percepção de que tem características comuns, ou um destino comum, sobretudo porque existem outros grupos no meio” (Tajfel, 1983b, p. 294). A distintividade positiva do endogrupo H.I.J.O.S. também tem íntima ligação com as relações que eles estabelecem com determinados setores da sociedade, como observado nos trechos acima. Como herdeiros da primeira geração de atingidos, eles reinterpretam a agenda política de luta, atualizando-a e ressignificando-a no cenário político de cada país.

As publicações encontradas nos *websites* parecem corroborar com o que Raina (2012) apontou sobre os membros da regional H.I.J.O.S. Santa Fé (Argentina). Desde sua fundação, a

⁸ Nome pelo qual ficou conhecido o acidente ferroviário ocorrido em Buenos Aires com o trem nº.3772 da linha Sarmiento, em que 51 pessoas morreram e mais de 800 foram gravemente feridas. (Clarín *online*, 12 de Julho, 2016).

organização procurou ser reconhecida por alguns de seus aspectos políticos, como a utilização de escraches, e, aspectos estéticos, como a realização de exposições, produção de documentários, intervenções artísticas (Raina, 2012). Essas características são partilhadas pela rede como um todo, e fizeram com que os H.I.J.O.S., especialmente o grupo argentino, ganhassem espaço e legitimidade a ponto de serem caracterizados como “*la organización fundadora del carácter generacional de los organismos de derechos humanos a nivel internacional*” (Guatavita Garzón, 2014, p. 71). Dessa forma, a identificação com a geração dos pais e o reestabelecimento de noções de lei, justiça e política são os eixos sob os quais a organização H.I.J.O.S. se orienta.

La repetición [del pasado militante] puede ser leída en la posición de identidad como “hijos” que los reúne y los nombra, en la reivindicación que muchos de ellos sostienen de la opción revolucionaria de la generación de los setenta, en el modelo repetitivo y querellante de los escraches La modalidad de su reclamo es conocida: intervención en lugares específicos de la ciudad, politización del espacio con operaciones que delimitan y marcan fronteras, inversión de los cuerpos en cada demanda, es decir, la presencia física como parte de una economía ideológica que no admite la abstracción del discurso de la política, ocupación de la calle a través del ruido, el sonido atronador, seguido de la puesta en común de historias personales que se hacen colectivas (Amado, 2003, p. 144).

Na citação acima, Amado (2003) destaca a importância das ações diferenciadas que se tornaram marca indelével do agrupamento, assim como a relevância da divulgação e reconhecimento das histórias pessoais para o fortalecimento tanto do grupo em si, como da memória sobre os períodos das ditaduras. Essa mesma dimensão também foi evidenciada no estudo dos conteúdos encontrados nos websites H.I.J.O.S por Breugelmans e Gianordoli-Nascimento (no prelo), em que a publicação de experiências e memórias pessoais na Internet acaba por promover o fortalecimento das identidades sociais, bem como o surgimento de novas versões sobre a memória histórica das ditaduras e das violações de direitos humanos na América Latina.

Este aspecto sinalizado por Amado (2003) e Breugelmans e Gianordoli-Nascimento (no prelo) se encontra no arcabouço da segunda herança carregada pelo grupo, compreendida pelo conjunto das classes “*Hijos: nuestra identidad, nuestra lucha*” (Hijos/Argentina) e “*Hijos Paraguay: nuestras acciones, nuestras memorias*” (Hijos/Paraguai), por intermédio das quais são notados os processos de diferenciação dentro do endogrupo H.I.J.O.S. a partir do acionamento das especificidades e conjunturas de cada país, como observados nos extratos abaixo.

Los H.I.J.O.S. queremos comunicar que estamos profundamente felices porque hemos encontrado a dos de nuestros hermanos secuestrados por el genocidio... [su mama] nació el 14 de julio de 1950 en

la provincia de Buenos Aires. . . . [su papa] nació en la ciudad de Buenos Aires el 28 de diciembre de 1946 . . . Ambos militaban en la columna oeste de la organización Montoneros. Sus compañeros de militancia los llamaban a ella “Ana” y a él “Daniel”. Fueron secuestrados el 28 de febrero de 1977. . . . [ella estaba] embarazada de seis meses y medio... (Hijos/Argentina)

Lamentamos en lo más profundo y repudiamos como hijos de la misma historia el mensaje difamatorio que circulase en las redes informáticas; como así también manifestamos nuestro absoluto dolor y tristeza al recibir la información de que como Hijos de Personas Desaparecidas somos colocados en determinadas escalas de la sociedad; cuando la realidad de la ausencia de nuestros padres refleja que la única diferencia para con la Sociedad fue el accionar represivo del Terrorismo de Estado. . . . Lamentamos que desde algún sector de la sociedad se pretenda ensuciar un reclamo histórico y así mismo se pretenda involucrar la lucha de todos los organismos de derechos humanos argentinos y latinoamericanos en una disputa que no deja de ser extraña a los intereses de los organismos y a la lucha en contra de la impunidad en todas sus formas. (Hijos/Paraguai)

Tajfel (1983b) aponta que as diferenciações intergrupo não são totalmente rígidas. Para explicar o seu argumento, o autor afirma que o estabelecimento de distinções entre grupos em interação podem ser “posições onde as semelhanças ou diferenças, que em princípio, poderiam ser totalmente ‘neutras’ (entre, por exemplo, línguas, paisagens, bandeiras, hinos, selos, equipas de futebol...), passam a ser dotadas dum significado emocional, pelo facto de se referirem a um valor supremo” (p. 312). Assim, a diferenciação cognitiva, avaliativa e emocional se localiza na necessidade que os indivíduos apresentam em dar significado social à situação intergrupo. Essa necessidade é satisfeita “pela criação de diferenças intergrupo quando tais diferenças não existem de facto, ou pela atribuição de valor e de realce a quaisquer diferenças existentes” (Tajfel, 1983b, p. 313). A distribuição das classes e sua articulação através das peculiaridades de cada agrupamento pode assumir essas características.

No caso do grupo Hijos/Argentina são elencados elementos de valorização das ações realizadas no âmbito nacional, como o que eles denominam de restituição de identidades de *hermanos apropiados* (confirmação via testes genéticos de progênie com desaparecidos políticos), bem como da valorização da luta pela responsabilização judicial de sujeitos e organizações que tiveram implicações com a violência de Estado. Já no agrupamento Hijos/Paraguai observam-se as mesmas estratégias de valorização endogrupal, contudo, há o uso do passado através de relatos pessoalizados de seus próprios integrantes para promoção da legitimidade da organização frente a sociedade paraguaia. Essa particularidade marca os conteúdos do conjunto “*Hijos Paraguay: nuestras acciones, nuestras memorias*”, sobretudo, na classe 2, “Histórias pessoais”.

Para compreender o emprego das narrativas sobre as vivências na ditadura como processo de valorização da identidade, é preciso conhecer o contexto social do Paraguai durante e após o regime de Alfredo Stroessner e do Partido Colorado por ele presidido.

Nos anos de stronismo os números de cidadãos paraguaios detidos, deportados ou exilados chegou a quase um terço da população (Padrós, 2008). A longevidade do regime imposto no Paraguai fez com que várias gerações de paraguaios sofressem pela violência estatal generalizada.

Organizações camponesas, intelectuais, partidos políticos de oposição e até esporádicos focos guerrilheiros foram esmagados inapelavelmente. O abandono das garantias individuais foi acompanhado da militarização das estruturas policiais e de controle da sociedade. Uma espécie de exílio interno tomou conta de importantes contingentes populacionais que foram segregados diante da desconfiança e da falta de solidariedade de uma sociedade profundamente marcada pelo medo frente à violência estatal. . . . Finalmente, após ser derrubado do poder, em 1989, Stroessner conseguiu asilo político no Brasil, onde viveu os últimos 17 anos. . . . O ditador Stroessner acabou seus últimos dias envolvido pelo manto da impunidade e protegido num verdadeiro “asilo dourado”. (Padrós, 2008, pp. 9-10)

Diferentemente de outros países da América do Sul, o regime de Stroessner só foi derrubado em fevereiro de 1989 através de outro golpe militar, quando todos os outros países da região, com exceção do Chile, já avançavam em suas respectivas transições democráticas (Boccia & Palau, 2008). Dessa forma, não se pode considerar que o stronismo foi uma exceção abrupta das liberdades e das instituições democráticas no Paraguai, uma vez que na história paraguaia são encontrados mais períodos de governos autoritários e militares do que democráticos.

López (2010) ressalta que a manutenção do controle social pela ditadura stronista impôs, dentre outras coisas, a filiação partidária ao Partido Colorado como premissa para trabalhar no serviço público, ter acesso às universidades e criar associações profissionais, sindicatos, ligas camponesas, dentre outros. Dessa forma, o Partido Colorado se estabeleceu como a base social da ditadura militar paraguaia, e permaneceu como tal até os dias correntes. O funcionamento atual dos organismos governamentais é similar à época da ditadura, porém sem a presença do medo institucionalizado e das repressões massivas aos setores descontentes ao governo. Contudo, o aparelhamento *colorado* do Estado “montado sob a ditadura continua vigente na estrutura política, no poder e na prática dos caudilhos políticos da chamada etapa democrática” (López, 2010, p. 464).

Boccia e Palau (2008) reiteram essa realidade do Paraguai ao afirmarem que a falta de convívio da sociedade em uma organização social democrática pode explicar as dificuldades de reconhecimento dos governos durante a transição pós-Stroessner e o grande apoio que o

Partido Colorado continua recebendo nos dias atuais, se mostrando “*duradero hasta el punto que en las elecciones generales de abril de 2008 continuó siendo la formación con mayor apoyo electoral, llevándose el 31% de los votos de la Cámara de Diputados y el 27,2% de los del Senado*” (Nickson, 2010, p. 292).

Nesse contexto em que a presença de estruturas políticas e sociais do período ditatorial ainda são constantes, o grupo Hijos/Paraguai manifesta-se na cena pública ocupando esse local social de denúncia e combate às continuidades da repressão. Para tanto, eles utilizam das narrativas do passado tanto da geração de seus pais, quanto sobre suas próprias experiências para problematizar a realidade atual. O Hijos/Paraguai surge então como uma dupla função: a de ser porta-vozes das denúncias das violações de direitos humanos cometidas no país e mantenedora da memória sobre aquele período. Dessa forma, nos relatos encontrados na página *web* do Hijos/Paraguai há muitos elementos que trazem uma carga emocional positiva aos conteúdos de memória publicados pelo grupo.

Candau (2008) aponta que as memórias que carregam em si esse cunho geracional, também expressão uma memória de fundação que tem seu lugar no jogo identitário. Para o antropólogo, a memória geracional se estende para além da família, indicando a consciência de pertencer a uma cadeia de gerações sucessivas das quais o grupo ou o indivíduo se sente mais ou menos herdeiro. Para Candau (2008) seria essa consciência do peso das gerações anteriores que faz com seja manifestada em expressões com forte carga identitária como “*las generaciones precedentes trabajaron para nosotros o nuestros antepasados lucharon por nosotros*” (Candau, 2008, p. 139). Expressões dessa natureza, juntamente com palavras que remetem às emoções evocadas por essas memórias foram encontradas na Classe 2 do Paraguai e também na Classe 3 da Argentina. Palavras como “felicidade” e “alegria” são mencionadas nos conteúdos sobre processos judiciais vencidos, *hermanos* recuperados ou mesmo quando há reconhecimento de legitimidade do grupo. No entanto, quando as publicações se referem aos familiares desaparecidos ou mortos, às tentativas de deslegitimação do grupo pela imprensa, por exemplo, palavras como “tristeza”, “saudade” e “pesar” são acionadas.

Estes resultados corroboram os encontrados por Cabecinhas, Lima e Chaves (2006) sobre a importância da memória para a valorização da identidade. Ao pesquisarem as representações que brasileiros e portugueses têm sobre o passado, eles demonstraram que a tonalidade emocional de um acontecimento depende das pertencas sociais, políticas, geográficas e econômicas dos grupos envolvidos. Para os autores, a tonalidade emocional “depende ainda, da forma como cada grupo de pertença conceptualiza o papel que

desempenhou no acontecimento em causa” (Cabecinhas, Lima Chaves, 2006, p. 15), se foi agente ou vítima, por exemplo. Ciscon-Evangelista e Menandro (2011), complementam essa visão ao afirmarem que “quanto mais profunda e mais emocionalmente comprometida for a identificação com o grupo, maior a possibilidade de atribuição de características negativas ao exogrupo” (p. 194).

Dessa maneira, as narrativas do passado associados com conteúdos pessoais e emocionais nas publicações dos grupos H.I.J.O.S. permitem confirmar tanto o carácter social da memória quanto a sua importância nas dinâmicas identitárias. Nesse sentido, é importante entender o posicionamento do grupo ao reivindicar um lugar próprio enquanto organismo de direitos humanos autônomo, uma vez que esse reconhecimento dimensiona a escala geracional dos grupos que tem legitimidade para tratar do tema das ditaduras, suas violações e reverberações nos contextos sociais da atualidade. Assim, os H.I.J.O.S. ao mencionarem suas histórias, sua estrutura organizacional, suas ações e suas versões sobre o passado subjetivam a sua demanda, *“paso imprescindible para recuperar una identidad arrasada (la de los padres) y otra que se pretendió arrebatar (la de los hijos), para partir desde el “cada uno” al sujeto colectivo* (Amado, 2003, p. 142).

Reflexões finais

Nos processos de democratização dos países que passaram por ditaduras, a questão da memória é objeto de disputa e debate. A legitimidade sobre as versões do passado aparecem como um dos principais objetivos de grupos, como aqueles constituídos por vítimas e familiares de vítimas, já que a busca por reconhecimento de seu protagonismo na história e de sua inclusão na memória do país, vêm afirmando suas identidades.

Tendo em vista que a construção da história de cada grupo é sempre um processo comparativo, dependente das relações intergrupais estabelecidas, a forma como os H.I.J.O.S. interpretam e comunicam o seu passado determina o seu posicionamento no presente e as suas estratégias para o futuro, definindo não somente “as relações dentro do grupo, como as relações com os outros grupos, numa dinâmica onde, conforme o momento histórico, pode prevalecer a estabilidade ou a mudança, a resistência ou a adaptação, a preservação das fronteiras ou a sua diluição” (Cabecinhas, 2006, p. 184). A reconstrução e valorização do próprio passado, portanto, carregam em si uma função identitária imprescindível para existência de coletivos organizados de filhos de ex-militantes na Argentina e no Paraguai,

pois é nesse jogo de relações intergrupais que, invariavelmente, a identidade social vai sendo construída.

Ainda que essa análise tenha se limitado aos conteúdos encontrados no ambiente *online*, as relações tecidas pelos agrupamentos Hijos/Argentina e Hijos/Paraguai – ora se identificando com os organismos de direitos humanos de maneira ampliada, ora atuando junto à outros grupos organizados e setores da sociedade civil – permitem pensar as identidades como processos flexíveis e relacionados com o contexto social em que são desenvolvidas. Como sinalizado por Tajfel (1983a, 1983b) o pertencimento aos grupos não é determinado apenas por relações pautadas no universo material, podendo se configurar a partir de filiações ideológicas e psicológicas.

A apropriação do ciberespaço pelo agrupamento H.I.J.O.S demonstra uma retroalimentação de conteúdos que extrapolam as relações sociais tradicionais inaugurando um novo espaço para a valorização endogrupal e, portanto, para o surgimento de diferenciações. A criação de páginas *web* como as de Hijos/Argentina e Hijos/Paraguai parece ser, portanto, reflexo de “experiências de resistência que se desenvolvem no interior de plataformas de comunicação em rede, cuja principal marca é a produção de informação baseada em processos de cooperação social . . . que resultam em redes de valorização social e de produção de subjetividades alternativas (Malini e Antoun, 2013, p. 194). Dessa maneira, os websites criados e alimentados por grupos organizados parecem ser apropriações do ciberespaço como forma de construção e expressão da memória e identidade grupal.

Cabe salientar que esta pesquisa não esgota as possibilidades de tratamento dessas temáticas, tendo em vista, que as características do material coletado e a proposta analítica apresentaram peculiaridades e limitações na compreensão das relações intergrupais, que sob outras abordagens poderiam revelar aspectos complementares dos processos psicossociais investigados.

Referências

- Abregú, M. (2008). Derechos Humanos para todos: de la lucha contra el autoritarismo a la construcción de una democracia inclusiva - Una mirada desde la Región Andina y el Cono Sur. SUR. *Revista Internacional de Derechos Humanos*, 5(8), 06-41. <https://dx.doi.org/10.1590/S1806-64452008000100002>

- Alonso, L. (2010). *Defensa de los derechos humanos y cultura política: entre Argentina y Madrid, 1975-2005*. Tese de Doutorado, Universidad Internacional de Andalucía Santa María de La Rábida / Sevilla. Recuperado em 07 de junho de 2015 de <http://dspace.unia.es/handle/10334/187>
- Amado, A. (2003) Herencias. Generaciones y duelo en las políticas la memoria. *Revista Iberoamericana*, 44(202), 137-153 Recuperado em 07 de junho de 2015 de <https://dialnet.unirioja.es/revista/4283/A/2003>
- Aragão, C. O. M & Arruda, A. (2008). Bahia, um Brasil evocado em exotismo: alegria, negritude, sabor e movimento nas representações sociais de universitários. *Psicologia em Revista*, 14(2), 187-202 Recuperado em 13 de maio de 2015, de <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/348/354>.
- Bargh, J. A. & McKenna, K. Y. A. (2004). The Internet and social life. *Annual Review of Psychology*, 55, 573-590. Recuperado em 26 de setembro de 2015, de http://www.yale.edu/acmelab/articles/Internet_and_Social_Life.pdf.
- Bertollo-Nardi, M.; Souza, L.; & Menandro, M. C. S. (2012). Representações, identidade social e tensões interpartidárias: um estudo com jovens militantes. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 7(2), 299-310. Recuperado em 04 de junho de 2014, de http://www.ufsj.edu.br/revistalapip/revista_volume_7_numero_2.php.
- Boccia, P. A. & Palau (2008). El stronismo en su contexto histórico. In P. A Boccia, A. R. Palau, & O. Salerno. *Paraguay: los archivos del terror: los papeles que resignificaron la memoria del stronismo*. Asunción: Centro de Documentación y Archivo para la Defensa de los Derechos Humanos. Recuperado em 07 de junho de 2015 de <http://www.portalguarani.com>
- Bonomo, M. & Souza, L. (2013). Representações hegemônicas e polêmicas no contexto identitário rural. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 31 (2), 402-418.
- Breugelmans, J. C. F & Gianordoli-Nascimento, I. F (no prelo). “*No olvidamos, no perdonamos, no nos reconciliamos*”: construções de memória nas publicações dos websites do grupo Hijos por la Identidad y la Justicia contra el Olvido y el Silencio.
- Cabecinhas, R. (2006). Identidade e memória social: estudos comparativos em Portugal e em TimorLeste. In M. Martins, H. Sousa e R. Cabecinhas (Eds.), *Comunicação e Lusofonia: Para uma abordagem crítica da cultura e dos media* (pp. 183- 214). Porto: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade e Campo das Letras.

- Cabecinhas, R.; Lima, M.E.O. & Chaves, A.M. (2006). Identidades nacionais e memória social: hegemonia e polémica nas representações sociais da história. In J. Miranda, & M. I. João (Eds.) *Identidades Nacionais em Debate* (pp. 67-92), Oeiras: Celta.
- Candau, J. (2008). *Memoria e Identidad*. Buenos Aires: Ediciones Del Sol.
- Catela, L. S. (2001). *Situação limite e memória: a reconstrução do mundo dos familiares de desaparecidos da Argentina* (R. Goldenzweig, P. Farías & R. Britto, trads.). São Paulo: Hucitec.
- Ciscon-Evangelista, M. R. & Menandro, P. R. M (2011). Trânsito religioso e construções identitárias: mobilidade social de evangélicos neopentecostais. *Psico-USF*, 16(2), 193-202. Recuperado em 25 de novembro de 2015, de <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712011000200008>.
- Clarín online (12 de Julho, 2016). Confirmaron el procesamiento de Julio De Vido por la tragedia de Once. Clarín: http://www.clarin.com/tema/tragedia_de_once.html
- Cossi, C. A. (2012) La infancia desde lejos: memorias contrapuestas de niños en el exilio. *Jornadas de Trabajo sobre Exilios Políticos del Cono Sur en el siglo XX*. (pp.1-19). Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación Universidad Nacional de La Plata. Buenos Aires: Argentina. Recuperado em 19 de fevereiro 2015, de <http://jornadasexilios.fahce.unlp.edu.ar/i-jornadas/ponencias/COSSI.pdf>.
- Costalat-Founeau, A. M. (1997). *Identité sociale et dynamique représentationnelle*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes.
- Cueto Rúa, S. (2008). *Nacimos en su lucha, viven en la nuestra Identidad, justicia y memoria en la agrupación HIJOS-La Plata*. Tesis de Doctorado, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad Nacional de La Plata. Recuperado em 06 de junho de 2015, de <http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/tesis/te.426/te.426.pdf>
- Deschamps, J. C., & Moliner, P. (2009). *A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais*. Petrópolis: Vozes.
- Dinges, J. (2005). *Os anos do Condor: uma década de terrorismo internacional no Cone Sul*. São Paulo, Cia das Letras.

- Duque, A. P. D. V. & Carvalho, C. P. (2016). Argentina: panorama da justiça de transição em 2015. In Carvalho, C. P., Guimarães, J. O. N. & Guerra, M. P. (orgs.) *Justiça de transição na América Latina : panorama*. (pp. 15-34) Brasília : Ministério da Justiça, Comissão de Anistia, Rede Latino-Americana de Justiça de Transição (RLAJT).
- Feijoo, A. M. L. C. (2010). Provas estatísticas. In A. M. L. C. Feijoo. *A pesquisa e a estatística na psicologia e na educação* [online]. (pp. 43-69). Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. Recuperado em 10 de outubro de 2015, de <http://books.scielo.org/id/yvnmwq/pdf/feijoo-9788579820489-10.pdf>
- Ferreira, E. F. X. (1996). *Mulheres militância e memória: histórias de vida, histórias de sobrevivência*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Fraga, G. B. (2012). A solidariedade não tem fronteiras: o Grupo Clamor e a rede de direitos humanos na resistência às Ditaduras do Cone Sul. Trabalho de Conclusão de Curso. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Recuperado em 14 de janeiro de 2016, de <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/67217/000872581.pdf?sequence=1>
- Garzón, A. G. (2014). *La construcción de sentido de la desaparición forzada en el proceso de memoria de hijos e hijas en Colombia* [en línea]. Tesis de posgrado. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Universidad Nacional de La Plata. Recuperado em 18 de abril de 2016, de <http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/tesis/te.1069/te.1069.pdf>
- Gianordoli-Nascimento, I. F.; Trindade, Z. A. ; Santos, M. F. S. . (2012). *Mulheres e Militância: encontros e confrontos durante a ditadura militar*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Gohn, M. G. (2011). Movimentos sociais na contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação*, 16(47), 333-361. Recuperado em 18 de abril de 2016, de <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>
- Gorini, U. (2006). *La rebelión de las madres – Historia de las madres de Plaza de Mayo*. Tomo I (1976-1983). Buenos Aires: Grupo Editorial Norma.
- Gutiérrez Contreras, J. C., & Villegas Díaz, M. R.(1998). Derechos Humanos y desaparecidos en dictaduras militares. *América Latina Hoy*, 20, 19-40. Recuperado em 10 de outubro de 2015 de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=30802003>

- Heffes, A. (2013). El cuerpo y la memoria como emblemas de participación juvenil. *Aletheia*, 3(6), Recuperado em 23 de março de 2016, de <http://www.aletheia.fahce.unlp.edu.ar/numeros/numero-6/pdfs/Heffes-ok.pdf>
- Hollanda, H. B. (1997). *A academia entre o local e o global*. Palestra da Universidade Federal de Minas Gerais na mesa intitulada “Entre o Local e o Global”. Recuperado em 28 de junho de 2015, de <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/a-academia-entre-o-local-e-o-global/>
- Jelin, E. (2007). Víctimas, familiares y ciudadanos/as: las luchas por la legitimidad de la palabra. *Cadernos Pagu*, (29), 37-60. Recuperado em 10 de outubro de 2015 de <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332007000200003>
- Jelin, E. (2010). Perspectivas y desarrollos convergentes: derechos humanos, memoria y género en las ciencias sociales latinoamericanas. In E. Bohoslavsky, M. Franco, Mariana Iglesias & D. Lvovich (comps.). *Problemas de historia reciente del Cono Sur* (pp. 57-80). Buenos Aires: Prometeo – UNGS.
- Kronberguer, N. & Wagner, W. (2008). Palavras-chave em contexto: análise estatística de textos. In M. Bauer & G. Gaskell (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp.416-441). Petrópolis: Vozes.
- Lemos, A. (2004). Apropriação, desvio e despesa na cibercultura. In: F. Martins, J. M. Silva. *A genealogia do virtual* (pp. 171-189). Porto Alegre: Sulina.
- Lemos, A. (2005) Cibercultura Punk. *Revista Cult*, 1-4, Recuperado em 14 de abril de 2016, de <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/cibercultura-punk/>
- Lemos, A. (2013). Espaço, mídia locativa e teoria ator-rede. *Galaxia - Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica*, 25, 52-65. Recuperado em 14 de abril de 2016, de <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/13635/11399>
- Lira, E. (1998). Recordar es volver a pasar por el corazón, In D. Páez; J.F. Valencia; J.W. Pennebaker; B. Rimé y D. Jodelet (Eds.), *Memorias colectivas de procesos culturales y políticos* (pp. 247-263) Bilbao: U. País Vasco.
- López, Miguel H. (2010). ”Stroessner e “Eu”: a cumplicidade social com a ditadura (1954-1989)” In D. Rollemberg, S. V. Quadrat (Orgs.). *A construção Social dos Regimes Autoritários. Legitimidade, consenso e consentimento no século XX Brasil e América Latina* (pp. 437- 470). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- Lvovich, D. & Bisquert, J. (2008). *La cambiante memoria de la dictadura. Discursos públicos, movimientos sociales y legitimidad democrática*. Argentina: Universidad Nacional General Sarmiento. Recuperado em 14 de abril de 2016, de http://www.ungs.edu.ar/cm/uploaded_files/publicaciones/11_04%20La%20cambiante%20memoria%20de%20la%20dictadura_Lvovich.pdf
- Malini, F & Antoun, H. (2013). *A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais*. Porto Alegre: Sulina.
- Mary, G. & Costalat-Founeau, A. M. (2012) La dynamique du système capacitaire Identité, action et projet. *Psychologie du travail et des Organisations*, 18(1), 7-23. Recuperado em 12 de junho de 2016 de <http://revue-pto.com/articles%20pdf/Mars%202012/1811.pdf>
- Motta, R. P. S. (2010). Modernizando a repressão: a Usaid e a polícia brasileira. *Revista Brasileira de História*, 30(59), 237-266. Recuperado em 02 de julho de 2016 de <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882010000100012>
- Nascimento, A. R. A., Menandro, P. R. M. (2006). Análise lexical e análise de conteúdo: uma proposta de utilização conjugada. *Estudos e pesquisas em psicologia*, 6(2), 72-88. Recuperado em 19 de maio de julho de 2015 de <http://www.revipsi.uerj.br/v6n2/artigos/pdf/v6n2a07.pdf>
- Nickson, A. (2010). El régimen de Stroessner (1954-1989). In I. Telesca (Comp.). *Historia del Paraguay* (pp. 265-294). Asunción: Taurus. Recuperado em 02 de julho de 2016 de http://www.portalguarani.com/956_ignacio_tesca/16505_historia_del_paraguay_2010__coordinador_ignacio_tesca.html
- Oliveira, F. C. (2013). "Pau neles, não nos nossos": *As representações sociais do tráfico de drogas na revista Veja (1968-2010) e suas implicações nas dinâmicas identitárias*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.
- Ookita, S. Y. & Tokuda, H. (2001). A virtual therapeutic environment with user projective agents. *Cyberpsychology & Behavior*, 4(1), 155-167. Recuperado em 12 de junho de 2016 de <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11709904>
- Ortiz Cuchivague, K. (2012). Las madres de la plaza de mayo y su legado por la defensa de los derechos humanos. *Trabajo Social, cultura y derechos humanos*, 14, 165-177. Recuperado em 23 de abril de 2015 de <http://www.revistas.unal.edu.co/index.php/tsocial/article/view/37269>

- Padrós, E. S. (2008). *O Paraguai de Stroessner no Cone Sul da Segurança Nacional*. IX Encontro Estadual de História-Anpuh Rio Grande do Sul. (pp.1-10). Recuperado em 17 de fevereiro de 2015 de http://eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1212375776_ARQUIVO_ANPUHtextoEnriqueSerraPadros.pdf
- Padrós, E. S. (2009). História do Tempo Presente, Ditaduras de Segurança Nacional e Arquivos repressivos. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, 1(1), 30-45. Recuperado em 17 de fevereiro de 2015 de <http://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/708/599>
- Padrós, E. S.; Vivar, J. (2013). Memórias da Resistência e da Solidariedade: o Movimento de Justiça e Direitos Humanos contra as ditaduras do Cone Sul e sua conexão repressiva. Porto Alegre: Ed: ASF-Brasil. Recuperado em 17 de fevereiro de 2015 de <http://www.justica.gov.br/central-de-conteudo/anistia/anexos/memorias-da-resistencia-e-solidariedade-alta-definicao.pdf>
- Pereira, M. (2007). Investigações psicológicas no ciberespaço: desenvolvendo modelos preditivos sobre a adesão às crenças ufológicas. *Interação em Psicologia*, 11(1). Recuperado em 02 de julho de 2016, de doi:<http://dx.doi.org/10.5380/psi.v11i1.5167>
- Pinheiro, A. M. V. (2014) Alfabetização para a inclusão: uma ferramenta para a formação online para professores. *Textura*, 31, 30-36. Recuperado em 02 de julho de 2016, de <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/1200/907>
- Quadrat, S. V. (2003). O direito à identidade: a restituição de crianças apropriadas nos porões das ditaduras militares do Cone Sul. *História*, 22(2), 167-181. Recuperado em 12 de junho de 2016, de <https://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742003000200010>
- Quinalha, R. H. (2013). *Justiça de transição: contornos do conceito*. São Paulo: Dobra Editorial.
- Raina, A. (2012) Memorias e identidades al interior del grupo de familiares afectados por la última dictadura militar argentina: el caso de hijos de detenidos-desaparecidos en Santa Fe. *Aletheia*, 2(4), 1-13. Recuperado em 12 de junho de 2016, de <http://www.aletheia.fahce.unlp.edu.ar/numeros/numero-4/pdfs/Raina-%20ok.pdf>

- Riva, G. & Galimberti, C. (2004). The Mind in the Web: Psychology in the Internet Age. *CyberPsychology & Behavior*. Jul 2004, 4(1): 1-5. . Recuperado em 02 de julho de 2016, de <http://online.liebertpub.com/doi/pdf/10.1089/10949310151088299>
- Saldanha, C. A. (2007). *Analisando a viabilidade da aplicação triple play para a inclusão digital, utilizando a tecnologia Wimax*. Dissertação de Mestrado Profissional em Gestão de Redes de Telecomunicações, Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- Silva, P. R. (2014). A oposição na “literatura stronista” e a opinião pública na ditadura do general Alfredo Stroessner (Paraguai, 1954-1989). *Revista Territórios & Fronteiras*, 7(1), 105-120. Recuperado em 17 de fevereiro de 2015, de <http://www.ppghis.com/territorios&fronteiras/index.php/v03n02/article/view/312/200>
- Souza, L.; Bonomo, M.; Livramento, A. M.; Brasil, J. A. & Cana, F. D. (2009). Procesos identitários entre gitanos: desde la exclusión hasta una cultura de libertad. *Liberabit*. [online], 15(1), 29-37. Recuperado em 12 de junho de 2015, de <http://www.scielo.org.pe/pdf/liber/v15n1/a04v15n1.pdf>
- Souza, L. & Menandro, P. R. M. (2007). Pesquisa documental em psicologia: a máquina do tempo. In M. M. P. Rodrigues & P. R. M. Menandro (Orgs.). *Lógicas Metodológicas: trajetórias de pesquisa em psicologia*. (pp. 151-174). Vitória: UFES – Programa de Pós-Graduação em Psicologia / GM Gráfica Editora.
- Suler, J. (2002). Identity Management in Cyberspace. *Journal of Applied Psychoanalytic Studies*, 4(4), 455-460. Recuperado em 12 de junho de 2015, de <http://link.springer.com/article/10.1023%2FA%3A1020392231924?LI=true#page-2>
- Tajfel, H. (1983a). *Grupos humanos e categorias sociais: estudos em psicologia social*. Vol. I. Lisboa: Livros Horizonte.
- Tajfel, H. (1983b). *Grupos humanos e categorias sociais: estudos em psicologia social*. Vol. II. Lisboa: Livros Horizonte.
- Teles, J. A. (2005), *Os herdeiros da memória. A luta dos familiares de mortos e desaparecidos políticos por verdade e justiça no Brasil*. Dissertação Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

- Terêncio, M. G., & Soares, D. H. P. (2003). A Internet como ferramenta para o desenvolvimento da identidade profissional. *Psicologia em Estudo*, 8(2), 139-145. Recuperado em 02 de julho de 2016, de <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722003000200015>
- Wachelke, J. F. R. & Andrade, A. L. (2009). Influência do recrutamento de participantes em sítios temáticos e comunidades virtuais nos resultados de medidas psicológicas aplicadas pela Internet. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(3), 357-367. Recuperado em 02 de julho de 2016, de <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722009000300009>
- Wolff, C., & da Silva, T. (2013). Movidas pelo afeto: três mulheres na resistência à ditadura no Brasil, Paraguai e Bolívia (1954-1989). *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, 10(1), 190-210. Recuperado em 02 de julho de 2016, de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2013v10n1p190/24900>

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro artigo desse trabalho investigamos as dinâmicas de memória encontradas nos documentos produzidos e divulgados pela rede H.I.J.O.S. - *Hijos por la Identidad y la Justicia contra el Olvido y el Silencio* de Argentina, Chile, Colômbia, Guatemala, México, Uruguai, Paraguai e Peru em suas plataformas virtuais. Ainda que tendo acesso a uma parcela limitada das comunicações emitidas pelos diferentes países-membros do grupo, suas produções no ciberespaço refletem pontos de interseção relacionados às memórias pessoais, comuns e históricas sobre as ditaduras e as violações de direitos humanos na América Latina.

A partir das análises dos conteúdos publicados, foi possível compreender o processo pelo qual as narrativas pessoais sobre o passado vão sendo reelaboradas como vivências compartilhadas no interior do agrupamento. Essa estratégia de coletivização da memória pessoal parece marcar a experiência de ser *hijo*. Ecléa Bosi¹, em seu trabalho pioneiro sobre a construção da memória, comenta que “o ponto de vista do grupo constrói e procura fixar a sua imagem para a história” (Bosi, 1994, p.27). Dessa maneira, o modo através do qual os H.I.J.O.S. transmitem, retêm e reforçam as suas lembranças colocam o grupo em movimento na construção de novos saberes sobre o passado, como também em ações que modificam sua realidade atual.

O segundo artigo se debruçou sobre as dinâmicas identitárias específicas dos agrupamentos H.I.J.O.S. de Argentina e Paraguai, visto que o conteúdo lexical referente a esses dois países destacaram-se na análise da Rede internacional H.I.J.O.S. realizada no estudo anterior. Os resultados indicaram que as publicações de Hijos/Paraguai e de Hijos/Argentina configuram-se como fontes de compreensão dos processos psicossociais de categorização, comparação e diferenciação presentes nessa dinâmica social. Dessa forma, as publicações no ambiente virtual podem ser entendidas como lócus de valorização e legitimidade do grupo.

Em conjunto, os dois estudos indicaram que a abordagem psicossocial da memória e a Teoria da identidade social de Henri Tajfel promovem olhares complementares sobre os processos psicossociais desenvolvidos no ciberespaço. Nesse sentido, concordamos com Denise Jodelet² ao ressaltar a importância do interesse, pela psicologia social, das relações

¹ Bosi, E. (1994). *Memória e sociedade: lembranças de velho*. São Paulo: Companhia das Letras.

² Jodelet, D. (2012). *Conflits entre historie mémorielle et historie historique*. *Psicologia e saber social*, 1(2), 151-162.

existentes entre memória e identidade social, uma vez que a memória, no transcorrer do tempo, permanece como afirmação da identidade.

O acesso às publicações do grupo H.I.J.O.S. no ciberespaço demonstrou que tal ambiente mostra-se profícuo para os processos de construção e consolidação da memória de grupos, bem como para a compreensão de processos identitários presentes nesse cenário. Esses novos territórios de interação social promovem a visibilidade para esses atores no campo dos direitos humanos. Ainda assim, o estudo não contempla a totalidade das interações intra e intergrupos, que são balizadoras da construção da memória social. Portanto, novas investigações podem revelar aspectos inovadores do fenômeno, sobretudo, àquelas em que a proposta metodológica possibilite o acesso direto aos sujeitos.